

SENADORES «ESSO»
VOTAM NOVA RECEITA

VOZ OPERÁRIA ENTREGUISTA

N.º 212 ☆ Rio de Janeiro, 6-6-1953

Artigo de
Diógenes Arruda

CHANTAGEM POLÍTICA DE TRAIADORES DA PATRIA

(Na 3a. pág.)

CRÔNICA INTERNACIONAL

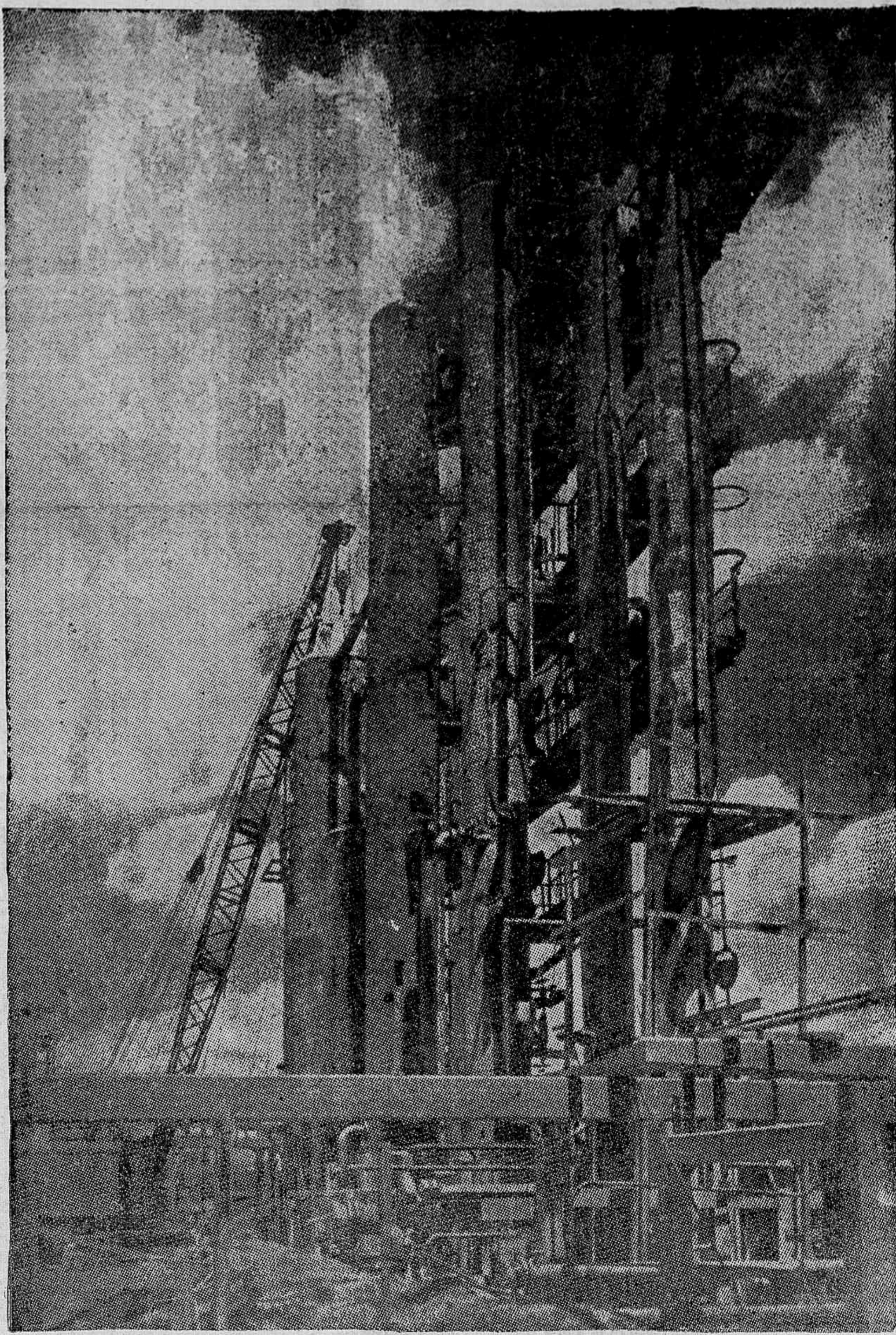
O projetado encontro
das Bermudas
(Na 4a. pág.)



A mina de ouro dos
Rocha Faria
(Na 5a. pág.)



O que eu vi em
Moscou
(Na 12a. pág.)



Organizar a Luta Contra a Carestia

TUDO o que o governo faz leva inevitavelmente ao encarecimento do custo da vida. Por isso mesmo, cada vez que Getúlio anuncia que as coisas vão melhorar graças à «ajuda americana» ou toma medidas na rua desmoralizadíssima COFAP, os fatos não tardam em demonstrar o contrário. A carestia aumenta sem cessar. Subiu escandalosamente o preço do leite, os molhos estrangeiros elevaram o preço da farinha e em consequência subiu o preço do pão, os frigoríficos americanos aumentaram o preço do «boi cozado» e em seguida veio novo aumento do preço da carne distribuída à população acompanhada da ameaça de extinção do tipo poular.

Esses não são casos isolados. Simplesmente prossegue sem interrupção a série de aumentos sucessivos. E a experiência demonstra que, assim como estão as cousas, novos aumentos virão sem demora.

É isso mesmo o que anunciam e determinam os patrões de Getúlio, através do jornal dos monopólios americanos «Wall Street Journal». Os miliardários ianques, em favor dos quais Getúlio instituiu o chamado câmbio livre proclamaram com a máxima sem-cerimônia que cabe aos brasileiros «apertar o cinto». Disse esse órgão dos colonizadores de nossa pátria que o «programa de austeridade» a ser seguido pelo governo de Getúlio vai deixar para trás, como brinquedo de criança, as privações e restrições ao consumo verificadas nos países europeus devastados pela guerra.

Tudo isso não deixa dúvida alguma sobre o fato de que o governo tem pleno conhecimento de que sua política de entrega do país aos americanos, de preparação para a guerra como manda o acôrdo militar, tem como primeira e inevitável consequência o aumento incessante da carestia da vida. Tudo isto prova que o governo de Getúlio procura enganar e mistificar sistematicamente o povo com suas promessas hipócritas de melhorias.

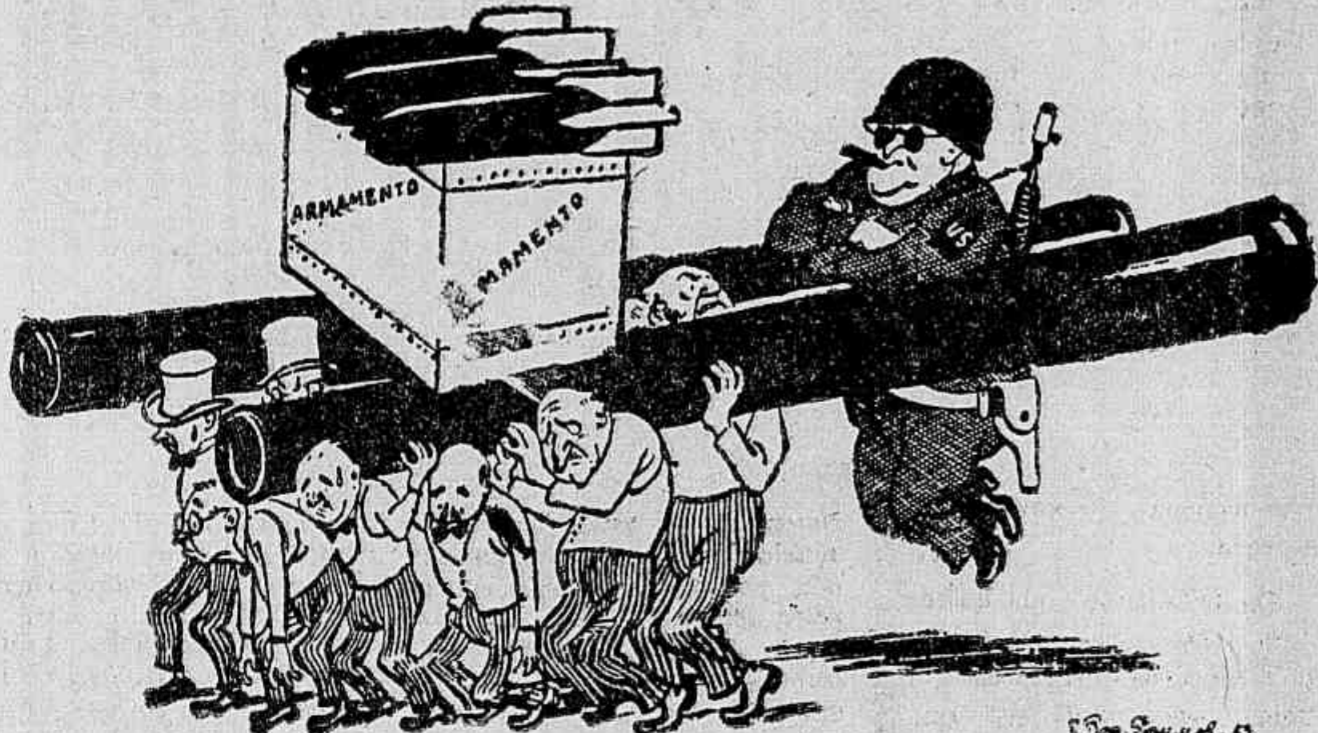
Pela sua própria experiência nosso povo verifica que a única maneira de enfrentar a carestia é lutar contra essa exploração e escorcha. Somente onde o povo se levanta com vigor e energia é possível impor respeito aos tubarões nacionais e estrangeiros que enriquecem com a carestia da vida. O mais recente exemplo é o da cidade de Americana que conquistou a revogação duma portaria de aumento das tarifas do truste «Bond and Share». Essa grande vitória da unidade do povo contra a carestia, há poucos dias alcançada, beneficiou Americana e mais 86 cidades paulistas servidas de energia elétrica por aquele monopólio ianque.

O que falta para conquistar novas, maiores e mais significativas vitórias do povo, não apenas em pontos isolados, mas em todo o país, barrando o caminho aos esfomeadores das massas? O que é preciso é organizar a luta contra a carestia.

Esse é o objetivo do próximo Congresso Contra a Carestia a realizar-se na capital federal. A sua preparação exige a discussão desse problema que está presente em todos os lares a todos os momentos, a organização de comissões ativas nos sindicatos, nos bairros, em toda parte. Sua base é a mobilização popular. Esse é o grande exemplo a ser seguido em todo o país, nas cidades e vilas. O povo pode derrotar seus esfomeadores.

E no processo dessa luta pela subsistência compreenderá cada vez mais claramente que a liquidação definitiva da carestia, da fome e da miséria só será possível com a derrocada desse regime cuja lei é o atraso, as privações, para a maioria da população em benefício dos grandes lucros dos americanos e dos privilégios duma minoria de grandes capitalistas e latifundiários.

«Os países do bloco do Atlântico reclamaram contra o pesado encargo que o armamentismo representa para eles.» (Dos jornais)



O GENERAL AMERICANO: Vocês não podem reclamar...

Nós pegamos a carga por igual...

(Charge de Boris Efimov em «Tempos Novos»)

VOZ DOS LEITORES

Os ferroviários expulsaram os pelegos da Cooperativa

As eleições para a diretoria da Cooperativa de consumo dos ferroviários da E. F. Sorocabana constituiu uma vitória dos trabalhadores, sendo eleitos os candidatos Luiz Lapieta, Luiz Galvão Pacheco, Aldo Zacarias, Leopoldo Soares e Virgílio Penteado.

Durante os trabalhos, o diretor gerente Pedro Arantes, que lia Relatório do ano anterior, tudo fazia a fim de retardar a hora da votação, objetivando cansar os ferroviários para que eles e os pelegos que vieram de todos os lados, tendo suas despesas pagas, se apoderassem da direção da Cooperativa.

Mas, os associados estavam vigilantes. Eles exigiram que Pedro Arantes indicasse um presidente para dirigir os trabalhos. Foi eleito o Sr. Manoel Inácio dos Santos que em seguida foi carregado até à sua cadeira, pela massa. Foi também carregado pelos ferroviários o candidato popular, Luiz Lapieta.

Eleita a mesa, Pedro Arantes e seus pelegos viram o prenúncio da derrota e para fazer fracassar a assembleia começaram a fazer provocações. Dentre os pelegos se encontrava o traidor e renegado Matias José de Assunção que usou da palavra e começou a atacar os associados, dizendo que ali só se encontravam comunistas, etc. Os associados em número superior a mil exigiram do presidente que se cassasse a palavra do provocador Matias.

O traidor crispinista Pedro Arantes e seu grupelho desmascarados, procuravam por todos os meios levar a confusão entre os trabalhadores. Mas, o representante do cooperativismo que acompanhava as eleições notou que as procurações de Arantes eram falsificadas ou passadas por ele mesmo e então propôs que a diretoria fosse eleita por aclamação, o que foi aceito pela assembleia.

Grande era o nervosismo de Arantes, que se recusava a exibir os livros da Coope-

rativa. Os ferroviários, porém, forçaram a abertura dos arquivos e, com surpresa, encontraram um feixe de casse-tetes, armas que os policiais crispinistas haviam preparado para garantir a «vitória», isto é, a sua permanência na direção da Cooperativa.

Enganaram-se os bandidos. Foi eleita por unanimidade a chapa Luiz Lapieta. O novo presidente foi carregado em triunfo enquanto eram expulsos Pedro Arantes e os demais desordeiros, como também Antonio Pires, que foram surrados pelos ferroviários.

Foi grande a vitória dos trabalhadores que, unanimemente, derrotaram Pedro Arantes, agente de José Maria Crispim. Há 6 anos que ele vinha se «reelegendo» na Cooperativa e pretendia fazer o mesmo agora. Ele já não era mais um diretor-gerente mas, um ditador. Entretanto, hoje em dia, os traidores têm a vida curta. Ele pôde ver como a mossa o repudiou desde sua entrada no recinto.

É este o fim que aguarda todos os traidores e inimigos dos trabalhadores e do povo.

(a) — R. SANTOS

Agem os vigaristas do anti-comunismo

Esteve em Lages, dias atrás, um indivíduo a serviço de uma organização integralista denominada «Campanha Cívica e Democrática», com sede em Curitiba. Logo após sua chegada ele entrou em contacto com os notórios fascistas Mario Souza, Elisário Branco e José Galiani que o ajudaram a pregar nas paredes de alguns bares e outros lugares, boletins caluniosos contra o querido Partido Comunista do Brasil e a glo-

riosa União Soviética, baluarte da paz e da democracia.

Tais boletins não duraram muito tempo colados. O povo logeado que não acredita nas mentiras da propaganda anti-comunista e que sabe que a URSS é o país onde se pratica a verdadeira democracia, arrancou-os das paredes.

Esses elementos movimentavam-se num jipe, chapa oficial de Santa Catarina, N.º 4-50, gastando gasolina a rôdo, consumindo o dinheiro da Nação e, consequentemente, do nosso povo.

O dinheiro que deveria ser empregado na construção de hospitais e escolas, na construção de estradas e em empreendimentos que viessem minorar os sofrimentos da população, é consumido dessa maneira, por esses e outros criminosos que exploram os brasileiros.

Por outro lado, o homem

andou solicitando dinheiro dos comerciantes locais para a «campanha» com o que conseguiu arrancar alguns milhares de cruzeiros. Entre as firmas que deram dinheiro, encontra-se a «Comércio de Automóveis João Buatin S.A.» que concorreu com 2.500 cruzeiros.

Comenta-se, aqui, que o tal indivíduo não passa de um vigarista que anda tirando dinheiro para si próprio e para seu grupo, usando o rótulo do anti-comunismo, pois hoje, em nossa Pátria, o anti-comunismo tornou uma indústria lucrativa praticada por traidores e traidores do tipo do almirante Pena Botto que cria organizações anti-comunistas sob o pretexto de defender a civilização brasileira quanto atrai moças incautas aos seus apartamentos, através de anúncios nos jornais solicitando empregadas domésticas. a) Do Correspondente em Lages (Est. de Santa Catarina).

Que o Governo brasileiro apoie o Pacto de Paz

«Atendendo ao apêlo da VOZ OPERARIA, defensor intransigente dos interesses dos trabalhadores, porta-voz do povo na luta pela paz, escrevi a seguinte carta ao Sr. Presidente da República:

«Exmo Sr. Dr. Getúlio Dorneles Vargas, D.D. Presidente da República.

É pela primeira vez que me dirijo a V. Excia., primeiro magistrado da Nação, para tratar dum assunto de magna importância. Eu, José Pinto Macedo, com 58 anos de idade, desde a minha infância, com apenas oito anos de idade, comecei a trabalhar e amar a minha Pátria, este querido Brasil. Tenho verdadeiro horror às guerras dentro e fora de nosso país e, porque amo nossa terra é que venho mi respectivamente, solicitar o apelo do governo brasileiro ao pedido dos povos para que se iniciem entendimentos no sentido da conclusão de um pacto de paz entre as cinco grandes potências.

Creia, Sr. Presidente, que, como eu, milhões de brasileiros almejam a paz.

Pela felicidade do Brasil e de seu povo. Respeitosamente,

a) José Pinto de Macêdo — Arraial do Cabo — CABO FRIO — Estado do Rio.

Apêlo em favor dos Rosenberg

A CONSUL dos Estados Unidos, em São Paulo, foi enviado o seguinte telegrama:

«A sentença condenando à cadeira elétrica o casal Rosenberg é uma injustiça cruel e um erro judiciário que abala a opinião pública.

Em nome de seus dois filhos, da justiça e dos sentimentos humanos, apelamos a V. Excia., para que, interceda junto ao governo de sua Pátria para a comutação da pena.»

Por que mataram o camponês Honorato?

A camponesa Maria Silva envia-nos cópia da carta que dirigiu ao juiz de Santo Anastácio, em que diz:

«Horrorizada com a morte de José Honorato Lemos, horrorizada com esse terrível crime, venho por meio destas poucas palavras protestar contra o bandido criminoso. Peço-lhe que faça justiça ao algoz que matou Honorato. Por que? Porque Honorato cumpria o seu dever de falar para o povo da Alta Sorocabana para que este povo, que está morrendo de fome e nem pode se vestir decentemen-

te, se organize e lute contra a fome. Foi por este fato que acabaram com a vida de Honorato. O camponês deixou para sempre a esposa e filhos. Os filhos dele hoje perguntam à sua mãe: «Mãe, onde está papai? Ela só pode responder: «Foi um miserável policial que bebeu o sangue dele». Os pequeninos ficaram sem o querido pai. É isto que o governo dá para o povo. É só espancar e fuzilar os que falam contra a carestia. Hoje, quem fala contra a miséria é morto pelo governo como Honorato. O governo é traidor. Mas o sangue dos patriotas é a liberdade de amanhã.»

NOSSA CAPA
A capa da presente edição reproduz uma cena de trabalho de montagem da refinaria de petróleo de Mataripe na Bahia

VOZ OPERARIA

Diretor Responsável: JOAO BATISTA DE LIMA E SILVA
MATRIZ: Av. Rio Branco, 257 — 17º and. — Sala 1713
SUCUBSAIS:
SAO PAULO — Rua dos Estudantes, 84, Sala 29; P. ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, 627, Sala 48; RECIFE — Rua de Palma, 295, Sala 205 — Ed. Sacl; SALVADOR — Rua João de Deus, 1, Sala 1; FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, 1248, Sala 22.
ASSINATURAS:
Anual 20,00
Semestral 10,00
Trimestral 5,00
Nº Avulso 1,00
Nº atrasado 1,00
Este Semanário é reimpresso em SAO PAULO, RECIFE, PORTO ALEGRE, FORTALEZA, SALVADOR e BELEM.



Uma Chantagem Política De Traidores da Pátria

Diógenes Arruda

Foi divulgado nestes últimos dias, e com particular destaque pela imprensa mais ligada ao Catete, um documento inexcusavelmente abjeto, que caracteriza mais uma vez o governo de Vargas como um governo de traição nacional a serviço do banditismo imperialista norte-americano. Trata-se de uma chantagem política com a qual os traidores da pátria pretendem abrir uma brecha na poderosa frente de combate das forças patrióticas, entre os que lutam contra a escravização do Brasil e a pilhagem de suas riquezas naturais pelos monopólios dos Estados Unidos.

Referimo-nos à representação do general Aginaldo Caiado de Castro, Secretário Geral do Conselho de Segurança Nacional, contra gerais que se encontram atualmente na reserva, por sua participação em campanhas nacionais democráticas e patrióticas. Esse documento ignóbil, que logo foi aprovado por Vargas, é vasado todo ele em termos como estes: «A ação subversiva desse grupo de oficiais da reserva remunerada se faz sentir mais frequentemente em tudo o que possa prejudicar a participação do Brasil como integrante das Nações Unidas, ao lado dos Estados Unidos»; «Filiam-se às «campanhas» de origem comunista do «petróleo é nosso», da «paz», etc. e atacam sistematicamente os Estados Unidos.»

O que enfurece a esses lacaios dos imperialistas ianques é a ação patriótica de nosso povo. A luta unida de operários e camponeses, intelectuais, militares democratas, setores progressistas da burguesia, enfim de todos os brasileiros dignos, despedaçam os planos, os negócios e compromissos do governo de traição de Vargas com os piores inimigos do Brasil. E' o destino dos governos que ligam seus interesses ao imperialismo americano, hoje não somente um agressor, mas um gendarme mundial que tenta sufocar a liberdade por toda parte onde é possível e implantar o fascismo. Contra tais governos de traição e contra esse gendarme mundial levanta-se entre os povos oprimidos uma onda incontida de ódio e de resistência. O despertar patriótico, o ódio ao opressor estrangeiro e aos traidores da pátria, eis o que surge do seio de nosso povo.

Quando Vargas e seus apauzados falam na «participação do Brasil, como integrante das Nações Unidas, ao lado dos Estados Unidos», têm em vista a guerra na Coreia. Cumprindo ordens de seus amos de Washington, eles tudo fizeram para que hoje, em solo coreano, bombardeando populações civis, fazendo a guerra infame dos micróbios, cobertos para sempre de oprobrio e amaldiçoados por todos os homens e mulheres progressistas do mundo, se encontrassem, ao

lado dos agressores ianques, jovens filhos do povo brasileiro. Mas esses miseráveis intentos têm sido frustrados sistematicamente pela ação corajosa dos patriotas brasileiros. O dever patriótico que se apresenta hoje a todos os homens e mulheres honestos do Brasil é impedir que nossa pátria se torne escrava do imperialismo americano e combater sem tréguas os instigadores de uma nova guerra.

Com o cinismo e a indignidade próprios dos vendilhões da pátria, o governo de Vargas grita contra os que dizem que «o petróleo é nosso» e lutam para que ele continue sendo um patrimônio de nossa pátria. O velho tirano Vargas de há muito vendeu à família Rockefeller, pelos trinta dólares de Judas, o petróleo brasileiro. Não tendo conseguido, sequer, até o momento, ver aprovado o projeto entreguista da Petrobrás, porque contra isso se ergue em todo o país uma vigorosa campanha de protesto, o governo de Vargas impacienta-se, perde qualquer resquício de compostura política e passa a ameaçar com as penas do inferno os patriotas que clamam que «o petróleo é nosso», os patriotas que «atacam sistematicamente os Estados Unidos».

«... E atacam sistematicamente os Estados Unidos». Eis o espanto e pavor do servo que ouve falar contra seu amo; eis o pensamento do lacão que julga poder vender por dólares aos ladrões imperialistas ianques a consciência do povo brasileiro. O amor à terra natal, o orgulho nacional, os feitos históricos de nosso povo para forjar a nação brasileira, não podem estar divorciados da luta por um Brasil livre, independente, próspero e feliz. Contra a despuddorada traição dos governantes, contra o governo de latifundiários e grandes capitalistas, serviço do imperialismo americano, eleva-se sobrepujantemente o genuíno patriotismo do povo brasileiro. Hoje em dia o patriotismo funde-se com o conceito de independência nacional e de democracia. Merecem o título de verdadeiros filhos de nossa pátria, somente aqueles que, sem temor e audazmente, lutam contra a política de traição nacional do atual regime. Um patriota é aquele que denuncia os planos colonizadores e agressivos dos imperialistas ianques e seus cúmplices brasileiros. Um patriota é aquele que eleva desassombadamente sua voz contra a humilhante dominação americana, feita por intermédio do governo de Vargas, dominação que visa à anulação da soberania nacional, à perda dos direitos elementares do povo brasileiro e ao estabelecimento do regime colonial no Brasil. Foi isto que fizeram em suas épocas, contra os opressores estrangeiros e os traidores nacionais, patriotas como Tiradentes, Padre Roma, Frei Caneca, Cipriano Barata, Sabino, Miguel Frias, Pedro Ivo, Benjamin Constant e Silveira Campos. E' isto que faz hoje o grande patriota e internacionalista brasileiro. U-

der querido de nosso povo, Luiz Carlos Prestes — o Cavaleiro da Esperança. E' isto também que fazem os operários, os camponeses, os intelectuais, as mulheres, os jovens, as figuras progressistas da burguesia nacional e os militares democratas atacando sistematicamente os Estados Unidos e a traição dos atuais governantes brasileiros, defendendo a honra nacional, lutando pela liberdade da terra natal.

Como se vê, para o governo de Vargas, que negocia a honra da pátria, a segurança e a liberdade do povo brasileiro, agrada aos Estados Unidos, aos manjões da Casa Branca e de Wall Street, é a lei suprema, o dever mais alto, sua glória maior. Defensor da teoria da escravização nacional ao «colosso» norte-americano, o governo de Vargas chega a reunir e apresentar como «corpo de delito» artigos de jornais, fotografias, circulares e outros documentos em que se faz a defesa do petróleo brasileiro, da paz entre os povos e das liberdades democráticas. Para ele, a luta pela paz, que é um preceito inscrito em todas as nossas Constituições republicanas; a defesa das riquezas naturais de nossa pátria contra a voracidade da Standard Oil; a resistência patriótica contra o odiado opressor estrangeiro; a luta pela democracia — tudo isso constitui crime.

Naturalmente o fato não constitui surpresa, por mais revoltante que seja. O governo de Vargas vem agindo assim desde o dia em que se instaurou. A chantagem de agora é a continuação, elevada ao cúmulo da ignomínia, da famosa carta do então ministro Correia e Castro ao Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, John Snyder: «ajudem-me agora se não quiserem depois carregarem nas costas». E' a continuação natural da despuddorada tese defendida na Conferência de Bogotá, pelo atual ministro João Neves da Fontoura, de «alienação» progressiva da soberania nacional.

Por isso mesmo a chantagem de Vargas está fadada ao fracasso. Ela revela que sua tentativa de dividir as forças democráticas, por meio da chantagem do anti-comunismo, tem sofrido sucessivos reveses. Através das lutas patrióticas contra os opressores de nosso povo, vai-se forjando irresistivelmente a frente democrática de libertação nacional. Nesta frente, que há de impôr aos traidores que ainda governam o país a vontade do povo soberano, formarão dia a dia novos milhões de brasileiros, os homens e mulheres mais dignos de nossa terra.

Nesta frente formarão todos os que almejam o progresso e a independência do Brasil, as mães brasileiras que não deixarão de lutar para impedir que seus filhos vão morrer nas guerras de agressão dos americanos, os jovens que amam a vida e a liberdade e não irão derramar seu sangue para aumentar os fabulosos lucros dos

armamentistas ianques e do grupo de seus cúmplices nascidos no Brasil. Nesta frente formarão todos os que sofrem com a elevação astronômica dos preços dos artigos de consumo popular, os operários e camponeses explorados e oprimidos, os intelectuais honestos, os estudantes, as donas de casa, os pequenos e médios comerciantes, os pequenos e médios produtores industriais e agrícolas. Nesta frente formarão os camponeses ricos, que sofrem com o regime dos latifúndios, com o monopólio dos créditos bancários pelos usurários, com os altos impostos e a política de preço-teto ditada pelos americanos. Nesta frente formarão os industriais brasileiros que sofrem com a crescente concorrência dos imperialistas ianques, com a política reacionária do Banco do Brasil e com o racionamento da energia elétrica. Nesta frente ocuparão lugar destacado os soldados, marinheiros e aviadores das nossas forças armadas e todos os militares democratas, sempre prontos a defender a soberania da pátria, mas que não se prestam a servir de instrumentos de agressão a outros povos, nem de janizeros da reação para atirar contra seus irmãos que lutam pelo pão, pela paz, pelas liberdades e pela independência nacional. E' a força imensa e invencível do povo brasileiro que quer um Brasil independente, democrático e floresco, ocupando posição de destaque no seio da comunidade internacional.

De outro lado está o pequeno grupo, cada vez menor, de traidores da pátria, formado pelos latifundiários e grandes capitalistas, organizados em seu Estado feudal-burguês, com os generais fascistas, os bandidos policiais, seus tribunais, seus calabouços. Mas esse poder é precário — o povo pode derrotá-lo. Hoje, como sempre, os que se põem a serviço do opressor estrangeiro desaparecem na história cobertos de lama e sangue, do sangue e da lama que vêm em cada dólar, como já observava Lênin — lama que representa os fornecimentos militares «lucrativos» que aumentam as fortunas dos miliardários e que arruinam os pobres; sangue derramado nas guerras de agressão que enriquecem ainda mais os ricos e que levam as lágrimas, a dor e o luto aos lares das pessoas simples.

Em face de mais essa ignomínia do governo de Vargas, os patriotas não devem fechar ainda mais suas fileiras, não devem aumentar ainda mais sua combatividade, lutando com decisão e ardor para desmascarar, isolar e derrotar esse governo de guerra e de traição nacional, o governo de Vargas.

Os brasileiros que defendem a honra nacional, lutando contra os criminosos do dólar, esses lutadores, que representam nossas tradições democráticas e progressistas, têm diante de si todo o futuro, a grandeza e a glória dos que lutam pelas causas justas e nobres do povo e da



Agliberto Vieira de Azevedo, em foto tomada na época de sua prisão

Há três anos está prêso o herói Agliberto Azevedo

NO último dia 30 fez três anos que o patriota Agliberto Vieira de Azevedo foi preso em Recife, por bandidos da polícia e do Serviço Secreto do Exército. A prisão do querido herói nacional-libertador não foi apenas um golpe dos que desejam ter o caminho livre para entregar o Brasil, de pés e mãos atados, aos imperialistas americanos. Representou também um atentado monstruoso às liberdades democráticas. Efetivamente, o valoroso oficial das nossas Forças Armadas foi arrancado de sua residência altas horas da noite, numa flagrante violação do artigo 141 da Constituição, que assegura a inviolabilidade do domicílio. As inomináveis torturas a que foi submetido, em seguida, o capitão Agliberto de Azevedo, espancado durante três dias consecutivos — muitas vezes até o desfalecimento — por «tiras» da polícia como o então delegado Eudes Costa e belguins fardados como o tenente Henrique Seus Filho, sob as ordens de governantes e generais fascistas, mostram até que ponto vai o desprezo dos lacaios dos imperialistas americanos pela pessoa humana.

A quatro anos e meio de prisão foi condenado o bravo combatente nacional-libertador. De que crime o acusam? Do mesmo «crime» de que são agora imputados pelos generais fascistas — tendo à frente o general Aginaldo Caiado de Castro — os militares que participam das campanhas patrióticas. Não foi um acontecimento casual a presença do «quisling» Eduardo Gomes — «executor do Acôrdo Militar Brasil-Estados Unidos», como escreveu o vespertino *o Catete* — na sessão do Supremo Tribunal Militar em que foi mantida a condenação de Agliberto de Azevedo. Não poderia ser melhor evidenciado o interesse dos americanos em manter segregado do seu povo o bravo combatente. Assim, lutar pela liberdade de Agliberto, para trazê-lo de novo ao seu posto de luta, os patriotas estarão também erguendo bem alto a bandeira da paz, das liberdades democráticas e da independência nacional.

PERGUNTAS E RESPOSTAS SÔBRE OS INFORMES DE PRESTES E ARRUDA

O Partido Mais Revolucionário De Todos os Tempos

O leitor Arlindo B. Cavaleiro pergunta: «Por que nosso Partido deve ser feito à imagem do Partido de Lênin e Stálin?»

Resposta — O Partido de Lênin e Stálin foi o partido operário que primeiro fez a revolução e realizou na prática o socialismo, o regime em que não há a exploração do homem pelo homem.

Dai se conclue que esse partido é o mais capaz e experimentado, o mais provado, aquele cujos ensinamentos não podem ser dispensados pelos demais partidos operários, já que os interesses dos trabalhadores são os mesmos em todos os países do mundo.

A antiga Rússia era um país atrasado e seu povo passava fome e miséria. Hoje existe em seu lugar a poderosa União Soviética, a maior potência do mundo, seu povo é culto, alegre e feliz. Hitler vinha de vitória em vitória, mas quando se atreveu a atacar a União

Soviética foi esmagado. As enormes destruições da guerra foram rapidamente reparadas e o progresso tornou-se mais impetuoso ainda. Desde o fim da guerra já houve seis rebaixas de preços na União Soviética.

Tudo isto mostra que o Partido Comunista da União Soviética é o mais sábio de todos os partidos de todos os tempos. Ele está armado da teoria marxista-leninista-stalinista. E' por isso sabe para onde marcham as coisas, avança com passo firme. Quem quiser avançar tem que aprender com ele. E' o que mais fez pela causa da classe operária, a força mais revolucionária de todos os tempos. Devem aprender com ele os que querem libertar seu povo da opressão e da exploração.

SEJAMOS DIGNOS DE STÁLIN

Giocondo Dias

O CAMARADA Stálin tornou-se, por suas grandiosas obras e seus geniais ensinamentos, a bandeira de luta pela paz entre os povos e por uma vida feliz para todos os homens e mulheres simples do mundo.

Com a morte do nosso querido mestre e genial camarada Stálin, os seus sábios ensinamentos, a bandeira de luta progressista, a bandeira irremediável, abriu-se um profundo claro em suas fileiras.

Mas, é imortal o nome de Stálin. Os seus sábios ensinamentos, a sua genial obra concretizada na gloriosa União Soviética e no indomável e indestrutível Partido Comunista, guiarão os passos da humanidade progressista e a levarão à vitória contra todos os chacais imperialistas e tudo que significa atraso e opressão.

No momento crucial da morte do camarada Stálin, o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, formado de sábios discípulos de Stálin e guiado pelo camarada Malenkov, agigantou-se na sua dor e com serenidade e segurança prossegue pelo caminho traçado. Guiados por esse notável exemplo de serenidade e firmeza, fortaleçamos o nosso Partido, reforçemos nossas ligações com as grandes massas, intensifiquemos nossas lutas de massas.

Tudo faremos para nos tornarmos dignos do honroso e elevado título de stalinistas.

Redobramos os nossos esforços para que cresça sem cessar em nossa Pátria a luta pela paz, pelas liberdades democráticas, contra os opres-

sores americanos e os traidores nacionais. Lutaremos com maior vigor contra tudo que seja estranho e oposto ao que o grande Stálin nos ensinou, trabalhando cada dia com mais afinco para elevar nosso nível político e ideológico, para que em nossas fileiras só haja lugar para a ideologia socialista e para que nosso Partido cresça se reforce com milhares de novos combatentes vindos do seio da classe operária e das massas camponesas.

Para os comunistas, honrar a memória do grande Stálin significa antes de mais nada seguir o exemplo de Stálin, saber servir até o fim à causa do povo, saber ser cada vez mais solidário com os interesses fundamentais dos trabalhadores e do povo. Hoje em dia, os interesses do nosso povo se fundem inteiramente com os interesses da União Soviética. Toda a propaganda e toda a ação dos imperialistas e seus lacaios procura ocultar esse fato, com o objetivo de enganar as massas de desviá-las da luta. Por isso, nossa solidariedade ao povo brasileiro não pode deixar de expressar-se, antes e acima de tudo, em aproximá-lo cada vez mais da União Soviética, em dar expressão aos seus sentimentos de admiração e amor pela pátria do socialismo triunfante. Não é outro o sentido da campanha lançada pelo Comitê Nacional das assinaturas de «Homenagem do Povo Brasileiro a Stálin». Fiéis aos legados do grande Stálin não pouparemos esforços e faremos dessa campanha uma

magnífica vitória do patriota, do revolucionário do povo brasileiro.

Mas, para os comunistas, honrar a memória do grande Stálin significa também, e principalmente, reforçar o Partido, multiplicar suas fileiras pelo recrutamento de milhares de novos aderentes e elevar sistematicamente o nível político e ideológico do Partido. Se nosso Partido não está crescendo no ritmo necessário é porque temos descuidado desse importantíssimo problema. Temos nos deixado vencer neste terreno por fortes tendências espontaneístas, restos de ideologia pequeno-burguesa que nos levam a subestimar o papel de vanguarda do Partido. Devemos arrancar de nossas cabeças a falsa noção de que o Partido cresce espontaneamente, e cuidarmos melhor dos planos e do trabalho prático de recrutamento sem nenhum sectarismo aproveitando as lutas e todas as oportunidades para recrutar milhares de novos membros para o Partido, especialmente nas empresas industriais e nas concentrações de assalariados agrícolas.

Honrando desse modo a memória do grande Stálin, fiéis aos seus sábios ensinamentos, zelaremos pela unidade de nosso Partido como pela menina dos nossos olhos. Vigilantes e coesos cerraremos fileiras em torno do nosso Comitê Nacional e do nosso querido camarada Prestes, a fim de tornarmos vitoriosa a política do Partido e conquistarmos uma vida livre e feliz para a classe operária e o povo brasileiro.



«GLÓRIA AO GRANDE STÁLIN» — Quadro dos pintores soviéticos Y. Kugach, V. Nechtalio e V. Tsiplov

... «Lembro-me do ano de 1898 quando pela primeira vez me enviaram para dirigir um círculo operário das oficinas ferroviárias. Foi lá, no meio daqueles camaradas, que recebi, então meu primeiro batismo de fogo revolucionário.»

Camaradas e amigos ferroviários! Stálin nos deixou um manual de experiências para sermos vitoriosos na luta diária. Stálin legou-nos o dever de sermos patriotas. Devemos erguer a bandeira da libertação nacional e levá-la para diante, agrupando em torno dela a maioria de nosso povo.

Ser patriota é ser internacionalista. Stálin ensinou-nos a sermos internacionalistas. E Prestes, seu discípulo, declarou em 1946: «o povo brasileiro jamais fará guerra à União Soviética.»

Em homenagem ao grande Stálin, unamo-nos em torno do camarada Prestes e do Comitê Nacional do PCB aumentando a vigilância revolucionária, evitando, assim, que se infiltrem na fortaleza do proletariado, os inimigos do povo. Voltemo-nos para as tarefas imediatas e inadiáveis nas ferrovias, por aumento de salários, contra as multas e pagamentos por quebras de ferramentas. Lutemos pela Paz, contra o Acórdo Militar, pelo reatamento das relações com a União Soviética. Fortaleçamos o P.C.B. nas ferrovias através de um recrutamento planejado, abrindo as portas a todos

aqueles que queiram ter a honra de ser militantes do Partido do proletariado, do Partido de Stálin e seu discípulo, o nosso grande e amado camarada Prestes.

Glória eterna ao patrono dos ferroviários, o imortal camarada Stálin!

(a) Armindo Vas
São Paulo, março de 1953

«Nosso povo também segue teus conselhos»

O povo soviético acaba de perder o maior de seus filhos, o grande Stálin.

A ti, amado povo, os meus mais profundos votos de pesar! Foste educado com os ensinamentos dos grandes vultos da história da humanidade, Marx, Engels, Lênin e Stálin.

Stálin, figura sempre viva, dedicaste toda a tua existência à luta por um futuro melhor para o teu povo e toda a humanidade.

Com tua inteligência orientada para o bem, soubeste arrancar da miséria, todo o teu povo outrora escravizado e explorado. Teu coração deixou de pulsar, mas deixaste discípulos que são teus fiéis continuadores na luta pela felicidade dos povos.

Seguindo os teus ensinamentos, os povos não se deixarão levar pelos incendiários de guerras. Nosso povo também segue os teus conselhos. Luta pela Paz, por pão, terra e liberdade, une-se numa frente única para conquistar um regime que defenda os seus interesses e não dos grandes fazendeiros, ou dos imperia-

listas norte-americanos que saqueiam nossas riquezas.

Nosso povo está lutando contra esse monstruoso Acórdo Militar com que o governo pretende arrancar das mãas, os seus queridos filhos, das esposas, os mercados extremados, das noivas seus noivos amados e mandá-los para a guerra que os americanos provocaram na Coreia.

Contra a propaganda dos fazedores de guerra, pela imprensa, rádio e televisão, nosso povo contrapõe a sua imprensa, a imprensa popular que leva aos mais longínquos rincões as palavras de Paz, de combate aos inimigos de nossa pátria. Tudo isso, o nosso povo conseguiu graças às tuas indicações, à tua ajuda.

Agora, com a morte de Stálin, tudo faremos para suprir a sua falta, trabalhando mais e mais para desmascarar os fazedores de guerras, lutando por uma vida melhor para o nosso povo, para toda a humanidade por quem Stálin consagrou toda a sua vida.

(a) M. Fernandes.

Um ferroviário escreve sobre Stálin

Nosso pai, mestre, guia e educador da classe operária, o camarada Stálin, morreu. Deixou de pulsar o coração mais fraternal que a humanidade conheceu. Deixou de funcionar o cérebro do maior clássico do marxismo.

Choramos a perda irreparável daquele militante comunista que dedicou 58 anos da sua preciosa vida à emancipação da classe operária, ao bem de toda a humanidade.

Sob a direção genial de Lenin e Stálin, o P. C. da

União Soviética dirigindo a classe operária realizou a maior revolução da história, liquidando a exploração do homem pelo homem numa grande parte da terra, inaugurando uma nova época na história da humanidade.

Stálin livrou-nos da escravidão fascista. Com seu punho de aço, seu genio militar, comandando o grande e invencível exército soviético, varreu os nazistas de Stalingrado a Berlim no maior feito militar de todos os tempos.

As obras de Stálin são imortais, seus ricos ensinamentos são imorredouros. Os partidos comunistas conduzem os povos iluminados pelo genio de Stálin. O povo soviético, seguindo os ensinamentos de Stálin realiza com firmeza e confiança o 5º Plano quinquenal, executa as primeiras grandes obras do Comunismo.

Stálin foi um genio criado pela classe operária. E é ele quem diz: — «Meus primeiros mestres e amigos foram os operários de Tif-

CRÔNICA INTERNACIONAL

A projetada Conferência das Bermudas, entre os Estados Unidos, a Inglaterra e a França foi concebida pelos mais reacionários círculos norte-americanos, com a finalidade de torpedear as atuais possibilidades de entendimento entre as grandes potências. Como disse a PRAVDA, em editorial recente, ela é suscetível de «conduzir ao agravamento ulterior da tensão nas relações internacionais».

Com efeito, o convite para o encontro das Bermudas foi realizado pelo Departamento de Estado poucos dias depois do importante discurso de Churchill, no qual o primeiro ministro inglês propôs uma conferência entre os dirigentes das principais potências, entre elas incluída necessariamente a União Soviética. Disse Churchill que uma conferência como a que propunha deveria reunir-se o quanto antes e não formulou quaisquer exigências preliminares para isso. Esse o motivo pelo qual as palavras do chefe do governo britânico foram saudadas como palavras positivas, que favoreciam a paz, embora vários trechos de seu discurso tenham sido justamente condenados pela imprensa democrática mundial, devido aos aspectos obscuros ou negativos de que se revestiram.

Não é segredo para ninguém que os dirigentes soviéticos sempre foram favoráveis à solução negociada das divergências internacionais. Essa posição, que decorre da própria natureza socialista do Estado Soviético, foi sempre comprovada em vida do

O Projetado Conluio das Bermudas

grande Stálin e reiteradamente posta em prática pelo atual governo soviético. Todos sabem, também, que a República Popular China segue os mesmos princípios que norteiam a política soviética e que está sempre pronta a colaborar nas medidas que favoreçam a paz. Assim, o pronunciamento de Churchill, imediatamente apoiado pela Assembléia Nacional Francesa, fez depender dos dirigentes norte-americanos o pronto encaminhamento de uma conferência internacional entre as grandes potências pois, destas, apenas os Estados Unidos ainda não se haviam manifestado favoravelmente à idéia de um tal encontro. Isso fez com que as atenções gerais se voltassem para Washington.

Como agiu, porém, o presidente dos Estados Unidos da América? Eisenhower não somente convocou uma conferência restrita, com exclusão da U.R.S.S., como mandou o Departamento de Estado publicar uma nota na qual se declara, de maneira implícita, que a realização de qualquer conferência com a União Soviética deve ser antecedida pela aceitação, por parte desta potência, de uma série de exigências prévias.

Em tais circunstâncias, o fato de ter Churchill anuído em comparecer às Bermudas contrasta flagrantemente com a posição que ele mesmo assumiu, no seu comendado discurso aos deputados britânicos.

Não existem objeções de princípio a entrevistas de quaisquer chefes de Estado. Mas a Conferência das Bermudas, como os próprios meios oficiais norte-americanos se apressaram em demonstrar, tem a finalidade expressa de afastar a idéia de um encontro do qual participe a U.R.S.S., de vez que seu programa declarado é o de elaborar exigências preliminares ao Estado soviético. Ela foi, portanto, concebida como um conluio contra a paz.

Se mesmo nas relações entre pessoas não é possível o entendimento na base de exigências de uma das partes, o que dizer, então, quando se procura impor a Estados soberanos condições descabidas e unilaterais? Os governantes norte-americanos sabem perfeitamente que o entendimento entre Estados realmente soberanos só se pode basear no respeito mútuo, na igualdade de direitos e no cumprimento dos compromissos livremente assumidos. El-

senhower não tem a ilusão de que seja possível impor à U.R.S.S. uma linguagem de ultimato, e se usa dessa linguagem é justamente porque sabe que ela impossibilita as negociações.

Mesmo alguns comentaristas internacionais norte-americanos têm assinalado frequentemente as consequências desastrosas da linha ignóbil que vem sendo posta em prática pela diplomacia do dólar. Outros declararam francamente que a convocação para o encontro das Bermudas teve a finalidade de impedir uma conferência com a U.R.S.S. e, há poucos dias, o próprio presidente Eisenhower, em entrevista coletiva, confirmou que a projetada conferência anglo-norte-americana não tem a finalidade de conduzir a um posterior encontro com os dirigentes soviéticos. Confirmou, portanto, a continuação por parte dos países do Pacto do Atlântico da falsa política de contrapor uns Estados a outros, de acordo com as ideologias político-sociais.

Os povos, entretanto, repelem essa política voltada para a guerra; sabem que, independentemente dos regimes sob os quais vivem, há interesses vitais que lhes são perfeitamente comuns: a paz e o desenvolvimento da colaboração econômica, comercial e cultural. E' em nome desses interesses que eles repudiam a projetada conspiração das Bermudas, esse novo produto da agressiva política dos monopólios norte-americanos dirigida contra os interesses de todas as nações da terra.

A MINA DE OURO DOS ROCHA FARIA...

SO NAS FABRICAS DA CIA. AMERICA FABRIL EXPLORAM 7.000 OPERARIOS — ANTES, COM OS INGLESES; AGORA, COM OS AMERICANOS — OS RENDOSOS NEGÓCIOS DURANTE A GUERRA, COM RETIRAD AS DIARIAS DE 18.000 CRUZEIROS — 32 MILHÕES DE LUCROS SÓ EM 1952

Reportagem de STÊNIO DE CARVALHO

Os jornais de todo o Brasil citaram com frequência o nome de Rocha Faria nos dias da grande greve que envolveu os 30 mil têxteis cariocas. Trata-se do homem que, encarregando a ferocidade e a intranquilidade patronal, assinava os comunicados do sindicato dos industriais de tecidos negando o aumento de salários.

Quem é Rocha Faria? Por que os industriais de tecidos e colocaram na presidência do Sindicato Patronal? Trata-se do dono da Cia. América Fabril, Flação e Tecelagem.

Mas, isso não diz tudo. Quem é a Cia. América Fabril? Não é apenas uma fábrica, como pode parecer a muitos. São as grandes fábricas de tecidos — Cruzeiro, Carioca, Bonfim-Mavilis (No Distrito Federal), Pau Grande e Santana (No Estado do Rio), nas quais trabalham cerca de 7.000 operários.

Rocha Faria é um homem como uma carapuça que ser-

vê em 3 cabeças, todos membros de uma mesma família: Carlos Teles, Carlos Gilberto e Carlos Alberto, envolvidos numa vasta rede, noutros negócios e empresas, com cargos na direção ou nos conselhos.

Carlos Teles, o velho, na Sociedade de Melhoramentos do Noroeste do Brasil, Independência — Cia de Seguros Gerais, Cia de Calçados D.N.E. Clínica de Repouso S. Vicente S. A., Cia de Seguros Lloyd Atlântica.

Carlos Alberto, na Cia de Mineração e Metalúrgica do Brasil, Tecidos Muller S. A., Seguros Pan América, Banco das Indústrias, Bagdad Decorações, Lanificio Alto da Boa Vista, Fábrica de Tecidos Corcovado, enquanto que Carlos Gilberto funciona no Banco Brasileiro de Crédito S. A.

VIDA DE NABABOS

Tudo o que esses capita-

listas possuem, teve seu começo por volta de 1900, quando o velho Rocha Faria entrou como acionista de uma fábrica de tecidos — a Cruzeiro. Aos poucos foi engulindo os demais tubarões, seus sócios, adquirindo outras fábricas até que em 1926 passava a dominar completamente a Cia. América Fabril.

Com as grandes somas arrecadadas dos trabalhadores os Rocha Faria adquiriram palacetes, terras e fazendas.

Carlos Teles reside numa riquíssima mansão no Alto da Tijuca, possui grande número de empregados domésticos à sua disposição. Carlos Gilberto tem uma suntuosa residência na Avenida Atlântica. Agora está construindo um rico palacete em Santa Teresa, possui 3 automóveis e uma caríssima lancha.



Três crianças raquíticas, de 15 a 17 anos, que trabalham na Fábrica Bonfim-Mavilis, São fiandeiros e moram em subúrbios distantes como Nova Iguaçu, São João de Meriti, Campo Grande, tendo de levantar de madrugada para não chegarem atrasados ao serviço. Como esses são também explorados centenas de outros meninos nas fábricas dos Rocha Faria.

patrões para demitir à vontade, ou impedir a saída dos trabalhadores.

Depois da guerra, os lucros continuaram a crescer. As vendas da América Fabril em 1952, atingiram a 320 milhões de cruzeiros, com lucros líquidos de 32 milhões.

Em 1946, os ordenados e percentagens desses três magnatas eram assim distribuídos:

Carlos Teles da Rocha Faria — Cr\$ 18.020,00 p/ dia;
Carlos Gilberto da Rocha Faria — Cr\$ 17.720,00 p/ dia;
Carlos Alberto da Rocha Faria — Cr\$ 11.000,00 p/ dia;

Devido aos grandes lucros, foi construída uma nova e grande fábrica de tecidos, no feudo de Pau Grande — a «Santana».

ANTES, COM OS INGLESES AGORA, COM OS IANQUES

Para explorar os trabalhadores, os Rocha Faria mantêm um exército de gringos, lacaios e policiais de toda ordem. O diretor-técnico, Fred Lindsay Anderson, dispõe de um luxuoso palacete na Tijuca, viaja frequentemente para a Inglaterra. É o principal apoio de Rocha Faria. O inglês Thomas Edward Howorth gerente da «Cruzeiro» foi expulso do Azerbaijão, quando o proletariado tomou o poder. Não podendo explorar o povo soviético, o gringo fugiu para cá a fim de pisar os trabalhadores brasileiros. Ele é um anti-comunista, inimigo dos tecelões, bastando dizer que certa vez os trabalhadores da «Pau Grande» puseram-no a correr de lá.

Há ainda o mestre da gravação Mac Adams, o da flação, Nearey, o do Acabamento, Side Botham, o da Estamparia, Riley, dentre outros que recebem polpudos rendimentos.

Todos eles vêm sob contratos custosos, dispõem de confortáveis casas gratuitas, com direito a férias na Inglaterra, enquanto os operários moram em barracos e têm seus períodos de férias reduzidos.

Por que há diretores e chefes ingleses? Por que tantas regalias, inclusive férias pagas na Inglaterra?

É que os Rocha Faria assumiram compromissos com os capitalistas ingleses, quando se viram em crise nos anos de 1926 e 1927. Em troca de um grande empréstimo com pesados juros e também imposta a condição de «técnicos» ingleses.

Entretanto, da última guerra para cá, os Rocha Faria estão se ligando cada vez mais aos capitalistas norte-americanos. A máquina adquirida para a San-

tana veio dos Estados Unidos. Por vezes estiveram nesse país, o gringo Fred Anderson e os lacaios Thomas Norek e Alcides de Moura Braga.

«VAO SE QUEIXAR A GETULIO»

Quando um operário protesta os Rocha Faria costumam mandar dizer:

— Que vão se queixar a Getúlio...

Mas os trabalhadores, pela sua própria experiência e principalmente com a experiência de sua grande greve, viram com toda clareza que o governo de Getúlio é o governo dos Rocha Faria, dos grandes capitalistas e fazendeiros seus iguais. Esse regime que aí está é o regime em que o poder pertence à grande burguesia e aos latifundiários. Assim como outros capitalistas, os Rocha Faria botam na Câmara seus deputados, como já fizeram com seu preposto Eurico de Souza Leão. A «justiça» também é da sua classe, como provou ser a Justiça do

Trabalho. A polícia assassina de Altair Paula Roan, os ministros, o presidente, todo o poder do Estado está a serviço deles.

Quando os trabalhadores se erguem e lutam unidos pelos seus direitos, entretanto, todo esse poderio treme. Eles se apavoram ante a ideia de que os trabalhadores venham a compreender que fortunas como a dos Rocha Faria não podem ser feitas sem o suor e o sofrimento dos trabalhadores e que, na luta por sua emancipação a classe operária se tem a perder as algemas.

Logo depois da greve, os operários da Mavilis fizeram sentir a força de sua unidade, cruzando os braços para impedir a demissão e suspensão de seus irmãos que se destacaram na luta. Agora a luta por aumento de salário e contra a carestia se reacende. Mas uma vez se abala a máquina de exploração dos Rocha Faria e seus iguais. A luta continua e só pode terminar com a vitória dos trabalhadores.



Pontet Canet, puxado com carinho pelo seu proprietário Gilberto da Rocha Faria, foi o ganhador do Grande Premio Brasil de 1951, no valor de um milhão de cruzeiros. O conhecido tubarão dispense, no mínimo, dois mil cruzeiros mensais com o tratamento de cada um de seus cavalos, adquiridos com o dinheiro arrancado aos operários de suas fábricas.

2 MIL CRUZEIROS PARA ALIMENTAR UM CAVALO...

Além do grande feudo de Pau Grande, no Estado do Rio, cujas terras somem de vista, os Rocha Faria possuem a fazenda Santa Anita, em Bananal, no Estado de São Paulo, onde são criados e tratados dezenas de cavalos puro-sangue, alguns importados por grandes somas.

Atualmente, estão correndo nas pistas, cerca de 50 cavalos de raça da criação desses capitalistas.

Como vivem os seus cavalos? O seu «padrão de vida» é superior ao dos operários. Alimentam-se com alfafa, cenoura, aveia. Medicamentos especiais são importados da Inglaterra para esses animais privilegiados que dispõem de tratadores bem pagos.

Dentre os melhores «boxers» do Jockey Clube Brasileiro (locais onde são tratados os cavalos), incluem-se os de Rocha Faria e Peixoto de Castro, este último, tubarão da Loteria Federal. Um cavalo de Rocha Faria consome 2.000 cruzeiros mensais, isto é, muito mais que o salário de um tecelão.

Uma das suas últimas aquisições foi a da égua «Paprika», pela fabulosa quantia de 350 mil cruzeiros, há 3 meses atrás. Por outro lado eles obtiveram em negócios do turfe mais de 1 milhão de cruzeiros, somente no primeiro trimestre do corrente ano.

OS BONS NEGÓCIOS DA GUERRA

A guerra constituiu uma fonte de grandes lucros para os industriais. Em 1939, a Cia. América Fabril vendeu 60 milhões de cruzeiros e tornou muito mais

mas, crescendo ano após ano, o faturamento chegou em 1945, último ano de guerra, a 230 milhões de cruzeiros. Quase 4 vezes mais!

E os salários? Permaneceram congelados. A explo-

intensa. Os têxteis eram obrigados a trabalhar 12 a 14 horas, sem reclamar. Nessa época, um decreto de Getúlio considerava as empresas têxteis de interesse militar, e a greve como um crime. Disso se valiam os

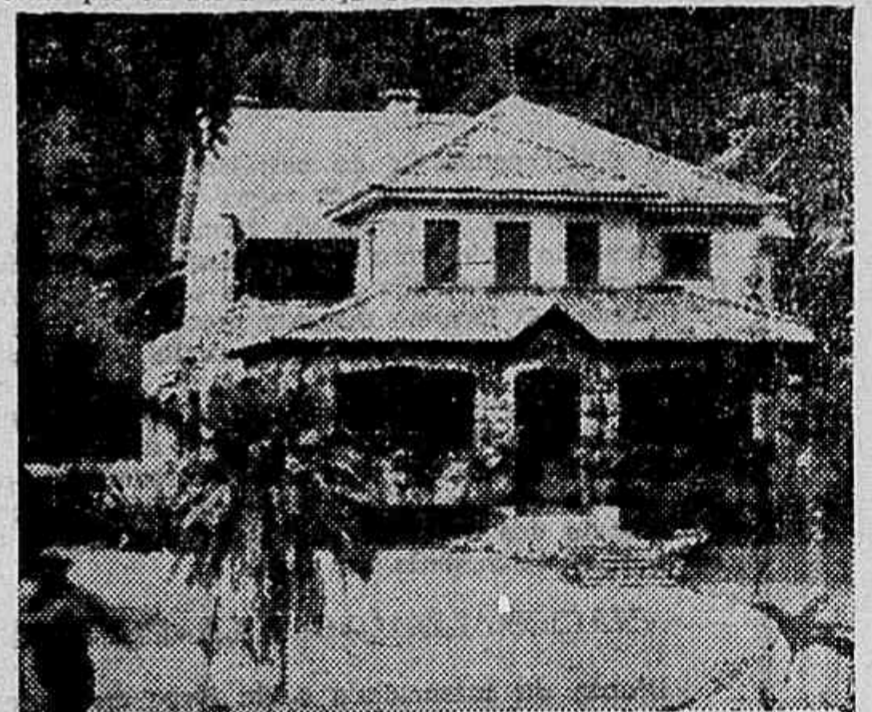
MENOS DE 1.330 CRUZEIROS PARA CADA OPERÁRIO

Como vivem os seus operários? A média mensal da folha de pagamento, em 1952, foi de 9.336.000 cruzeiros, o que significa um salário médio de 1.330 cruzeiros, embora nela estejam incluídos ordenados de inúmeros mestres, sem os quais a média seria muito mais baixa.

Em realidade, a maioria dos operários ganha muito menos. Vejamos o que se passa com o jovem Geraldo Medeiros, fiandeiro da «Bonfim-Mavilis». Morando acima de Campo Grande, sai de casa às 3 horas da madrugada para poder chegar a tempo no trabalho. Perdendo o trem da hora, ele perde o dia e o repouso semanal, pois, só uma hora depois chegará outro. Tanto esforço, para ganhar 20 cruzeiros apenas, que é o seu mísero salário. Seu alimento, muitas vezes, não passa de pão com bananas. O produto do trabalho dele é absorvido pelos patrões. Assim é a vida de tantos outros, lentamente assassinados pelos Rocha Faria.

Um tecelão da «Pau Grande», tocando 3 teares, tira 32 cruzeiros, ou 800 a 900 cruzeiros por mês, ocorrendo coisa semelhante nas demais fábricas em virtude das multas por defeitos no pano e outros processos de redução dos salários.

Para os capitalistas, mais valem os cavalos e máquinas que os trabalhadores.



Nesta mansão, circundada de frondosas árvores, no Alto da Tijuca, reside o tubarão mór, Carlos Teles da Rocha Faria. Raramente ele desce às suas fábricas já que o exército de gringos ingleses e demais lacaios recebem polpudos salários para agulhoar os tecelões e deles arrancar o máximo de produção.



Nesse casebre, no Morro da Arrelia, em Andaraí, mora uma família de operários da «Cruzeiro». Enquanto essas crianças não podem ter uma alimentação eficiente, são pobremente vestidas, os cavalos do Rocha Faria dispõem de toda espécie de conforto e assistência.



Operários brasileiros colocam uma sonda de petróleo. Getúlio manobra para que o fruto desse esforço seja entregue à Standard Oil por meia dúzia de dólares. Nosso povo não se deixa ludibriar pela emenda de Ismar de Góis aprovada pelo Senado e que o genro Amaral trouxe dos Estados Unidos. O petróleo é nosso e jamais será entregue aos americanos.

NOVA TRAPALÇA ENTREGUISTA

A verdade sobre a emenda Amaral Peixoto de Góis Monteiro para entregar o petróleo à Standard Oil

Um grave perigo ronda o petróleo brasileiro. O Senado aprovou a vergonhosa emenda entreguista do vende-pátria Ismar de Góis Monteiro. Assim as brechas e artimanhas com que a «Petrobras» deixava o campo aberto à Standard Oil foram enormemente aumentadas. Com essa emenda a situação se tornou ainda mais vantajosa para os trustes internacionais do que no

O QUE DIZ A EMENDA ISMAR DE GÓIS MONTEIRO

Os jornais especializados no embuste, como a «Última Hora» e o «Populário» embandeiram-se em arco, dizendo que venceu no Senado a tese «nacionalista». A propaganda paga pelos trustes imperialistas berra em todos os órgãos da reação que saiu vitoriosa a tese do monopólio estatal. E' evidente o propósito de enganar a vigilância patética de nosso povo.

Entretanto, basta examinar com um pouco de atenção o que diz essa emenda para desmascarar a trapalça. O que diz essa emenda?

«Poderá o Governo, ouvido o Conselho Nacional do Petróleo, contratar por intermédio da Petrobras com empresas especializadas de reconhecida idoneidade técnica e financeira trabalhos de pesquisa, perfuração e extração, mediante pagamento em dinheiro ou em espécie, inclusive garantia de participação nos produtos da exploração, de modo a assegurar a «compensação dos riscos».

«Que quer dizer isto? Simplesmente que, sob a capa de «contratos com a Petrobras, a Standard Oil poderá explorar as jazidas de nosso petróleo e cobrar seus «serviços» em espécie, isto é, em petróleo. Poderá obter a garantia de participar nos produtos de exploração petrolífera, a título de «compensação dos riscos».

TUDO PARA A STANDARD OIL

Realmente a retirada da expressão «outros empreendimentos» não afeta em nada os interesses dos trustes de Rockefeller, Lacerda, E' mais uma carria do sr. Velasco, a «Petrobras» tal como a Câmara já tinha, e esses «outros empreendimentos» inteiramente para a Esso. A Standard Oil e o direito de se aproveitar das jazidas de petróleo e demais derivados do petróleo já era livre emenda nenhuma, falso «monopólio» das «Petrobras» não inclui a construção que já é controlada pela Standard Oil, que é a Atlantic e a Texas Shell.

«Ficaram os «monopólios» da «Petrobras» do Distrito Federal, sabidamente de particulares ligados à Standard Oil.

«Não há nada de novo na «Petrobras» prova de afirmar

com a Standard Oil para operar suas refinarias.

Desse modo, o que faltava ao truste para controlar todas as fases da indústria petrolífera era a autorização expressa de pesquisa e lavra, de apoderar-se das jazidas com o pseudônimo de «contratos». E' exatamente isso que a emenda aprovada no Senado lhe dá. Dá tudo para a Standard Oil.

Alem do mais, tudo fica ao arbitrio do presidente da República. A emenda não fixa percentagens nem prazos. Fica de colher para a Standard Oil «contratos» a extração do petróleo balano, por exemplo, ficando com a parte de leão e pelo tempo que quiser. E' pior do que no fimado Estatuto do Petróleo que limitava o prazo para 30 anos. E' a isso que o «socialista» de farsa, Francisco Mangabeira, parceiro de Velasco e com ele mentor de «O Popular», chama de «afirmação de consciência sadamente nacionalista». O cinismo dessa gente não tem limites.



Onde foi este comício em defesa do petróleo? Milhares de comícios como este, vibrantes, concorridos, realizaram-se pelo país afóra e impuseram a derrota ao Estatuto do Petróleo. Getúlio revive o Estatuto de Dutra com outro nome e novo rótulo. O povo voltará às ruas para derrotar a manobra

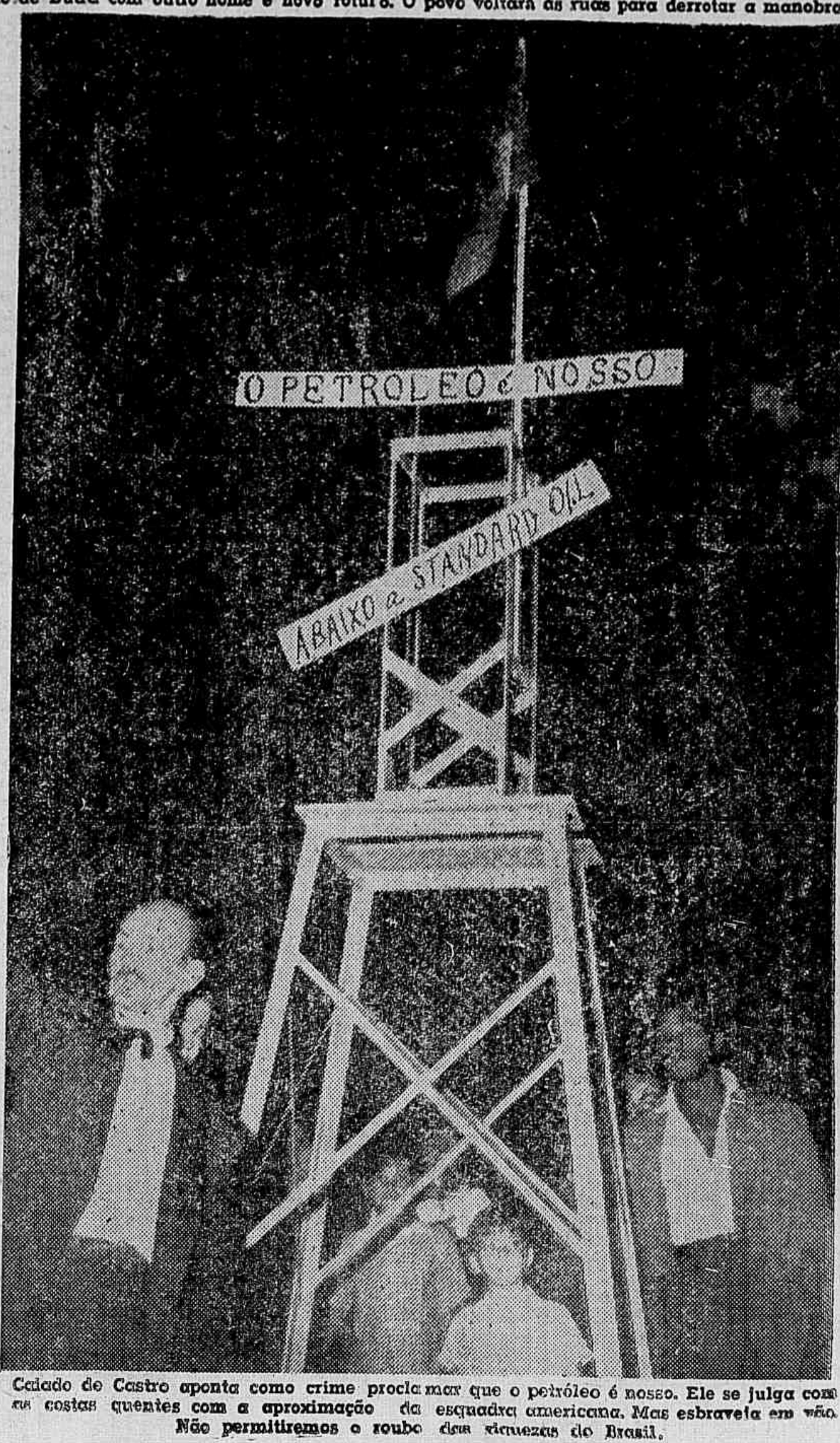
partidário da exploração do petróleo brasileiro pelo capital estrangeiro, isto é, pela Standard Oil. Os jornais burgueses não perderam tempo em declarar que Getúlio tinha «evoluido» para a formula da «livre iniciativa» dos trustes, é claro, e que isso iria influir na orientação da bancada governista no Senado.

Com efeito, como governador, Amaral celebrou outra reunião com líderes de bancadas à qual esteve presente também o sr. Pasqualini. Pelo que se viu, Pasqualini desistiu de desempenhar o triste papel que lhe fora reservado. Na hora da aperto foi utilizado o obscuro e desmoralizado Ismar para apresentar a nova emenda, que teve o apoio do líder da maioria Alvaro Adolfo, isto é, foi abertamente apoiada por Getúlio.

ARTICULAÇÃO DESCARADA DA TRAIÇÃO

Como genro e preposto de Getúlio, Amaral Peixoto atua ora como governador do Estado do Rio, ora como presidente do P.S.D.

Na qualidade de chefe de partido, Amaral realizou uma reunião com senadores do P.S.D. para «coordenar uma fórmula conciliatória». Naquele momento a única emenda entreguista a Mader-Chateaubriand estava atraída a mais forte oposição em todo o país. Amaral explicou-lhes que trazia uma solução para o caso de haver muita dificuldade em aprova-la. Essa emenda previa a concessão a empresas organizadas no país, o que implicava na organização duma



Cedado de Castro aponta como crime proclamar que o petróleo é nosso. Ele se julga com as costas quentes com a aproximação da esquadra americana. Mas esbraveja em vão. Não permitiremos o roubo das riquezas do Brasil.

A «EMPRESA FANTASMA» DO PETRÓLEO COLOMBIANO

Com razão a emenda entreguista de Ismar de Góis Monteiro, aprovada pelo Senado, é apontada como antipática no Brasil da «solução colombiana».

A CONCESSÃO DE «MARES»

A maior concessão do petróleo colombiano, a concessão de «Mares», estava nas mãos da «Tropical Oil», filial da Standard Oil. A concessão terminava em 1951. Desencadeou-se no país uma grande campanha patriótica, exigindo que a concessão não fosse renovada como das outras vezes, no término daquele prazo. Assim as jazidas e refinarias deviam passar ao controle duma empresa estatal.

A campanha foi ardentemente apoiada pelo Partido Comunista. Participaram destacados elementos do Partido Liberal, cujo líder, Gaitan, foi assassinado em Bogotá por ordem dos americanos. Os sindicatos, especialmente o sindicato dos operários da própria Standard Oil empenharam-se ativamente na luta.

«NACIONALIZAÇÃO» A LA «PETROBRAS»

Diante da intensidade e da força crescente da campanha o governo do aristocrata Laureano Gomez combinou com a Standard Oil a farsa da «nacionalização». Foi fundada a «Empresa Colombiana de Petróleo». O governo trombeteou que tinha atendido a vontade do povo. Não haveria mais concessões. A nova empresa «contrataria» os serviços dos americanos. Ao mesmo tempo, foram encarcerados 30 líderes sindicais, inclusive Aurelio Rodrigues, líder dos trabalhadores de petróleo, que foi assassinado pela polícia do governo de traição.

A EMPRESA FANTASMA

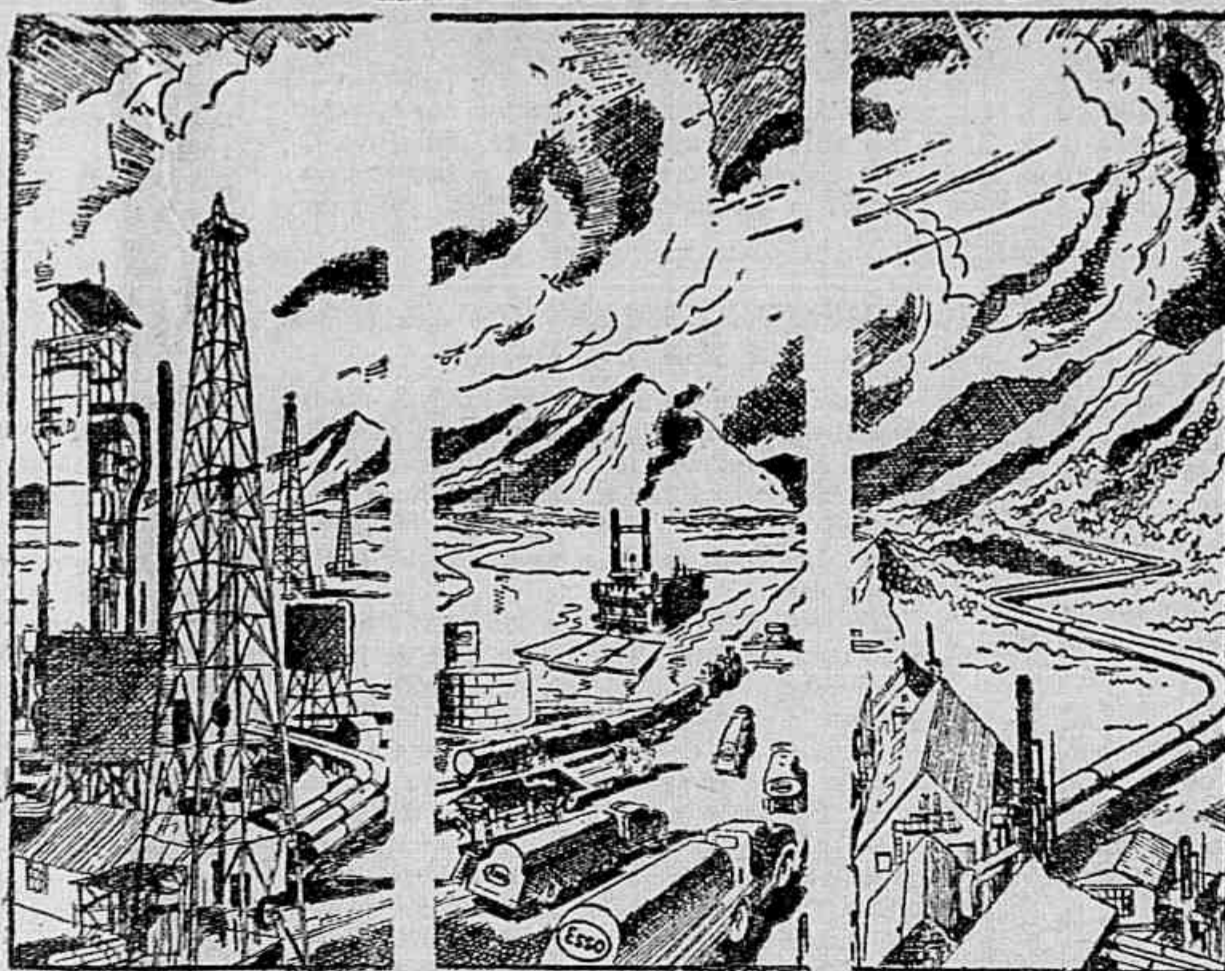
Em lugar da «Tropical Oil» surgiu a «Intercol» (International Petroleum Colombia Ltd.) com a qual foi «contratado» o serviço de pesquisa, lavra e refino. Ela explora o campo de El Centro (concessão de «Mares») e a refinaria de Barrancabermeja. A «Esso Colombiana SA» distribui os derivados de petróleo que «compra» em Barrancabermeja. A «Andian National Corporation» ficou com o oleoduto de 538 kms. que liga El Centro com o porto de Mamonal, na baía de Cartagena.

Essas três empresas são propriedade da «International Petroleum Ltd.», ramo da Standard Oil, que tem sede em Toronto, no Canadá, para ludibriar a lei anti-trust inaquê. Mas seus «escritórios executivos» estão nos Estados Unidos, em Coral Gables, Florida, como se pode ver pelo «fact-simile» do anúncio da própria Standard Oil.

A «Empresa Colombiana de Petróleo» limita-se a um escritório na capital. O povo a chama de empresa fantasma, pois de fato ela não existe.

Resta acrescentar que o atual presidente da Colômbia, Uribe Uribe, era, antes de «eleito», chefe dos serviços jurídicos das filiais da Standard Oil na Colômbia. Foi ele quem enviou um contingente colombiano para a Coréia.

3 EMPRESAS



INTERCOL
INTERNATIONAL PETROLEUM COLOMBIANA LTD.
BUSCA PRODUZ E REFINA PETRÓLEO
Intercol avança, cada dia, muchos millones de pesos en labores de exploración destinados a incorporar a la economía colombiana la riqueza latente del petróleo que vive escondido en nuestro subsuelo. Intercol, además, opera la refinaria de Barrancabermeja, de propiedad de la Empresa Colombiana de Petróleo y le presta su asistencia técnica para la producción de crudo en el campo petrolero de «El Centro».

ESSO
ESSE COLOMBIANA S. A.
DISTRIBUYE PRODUCTOS DERIVADOS DEL PETRÓLEO
Con su extensa organización, la Esso Colombiana, S. A. facilita a los consumidores la adquisición de combustibles, lubricantes y otros derivados del petróleo que comunican vida y energía a los transportes, la industria y la agricultura nacionales. Esso Colombiana, S. A. además, está instalada en un campo abierto de libre competencia y ofrece sus productos comprados en la refinaria de Barrancabermeja, a los consumidores, para obtener el máximo provecho.

ANDIAN
ANDIAN NATIONAL CORPORATION LTD.
TRANSPORTA PETRÓLEO
La Andian opera —actualmente— el oleoducto de 538 kilómetros que se extiende desde «El Centro» y Barrancabermeja hasta el puerto de Mamonal, en la baía de Cartagena. Por el oleoducto de la Andian se transporta, para la exportación, crudo de diversas compañías, entre ellos la Empresa Colombiana de Petróleo. Así, las actividades de la Andian están estrechamente vinculadas a la producción de diversas cosas para nuestro país.

Intercol, Esso Colombiana S. A. y Andian National Corporation son filiales de la International Petroleum Company Ltd. y sus compañías están situadas en Toronto y oficinas ejecutivas en Coral Gables, Florida. El UU. Los recursos y facilidades técnicas de que disponen garantizan a Colombia el tráfico del triple oleoducto creado por estas empresas.

AL SERVICIO DE COLOMBIA

AMARAL PEIXOTO ROUXE A «RECEITA» DOS UNIDOS

Como foi declarado na Assembléa Legislativa fluminense por Amaral Peixoto viajando aos Estados Unidos, trata duma importante medida pelo próprio Getúlio.

O genro Amaral Peixoto trata com os homens de Wall Street e seu de trezentos milhões de dólares em troca da concessão do «Acordo Mader» e outras concessões pelos americanos. As gências dos milhares de dólares e o «acordo Mader» e o «acordo Mader» ratificado a toque de caixa e promulgado pelo Brasil, ainda em tempo de cluído no orçamento nacional. Logo em pagamento, segundo o melhor sistema de

«Em que condições a Standard Oil estaria disposta a aceitar a exploração de petróleo brasileiro?»

Chantagem Política e Pressão Pela Força Armada

Mas o governo brasileiro não se limita a medidas peremptórias. Para combater a «ação terror política» de Castro, coincidência com motivos «de missão patriótica» e assim impedir que se faça para impedir o

A campanha para a repetição por «NOSSO» foi apresentada e organizada pelas Forças Armadas, sendo apresentada como «necessária» para a defesa da honra e da dignidade do Brasil e a colonização da América Latina e do Caribe.

«O petróleo é nosso! Esta terra tem dono! Ge homem torpedear o movimento»

AMARAL PEIXOTO ROUXE A «RECEITA» DOS UNIDOS

que já vinha se arrastando há vários meses.

Ao mesmo tempo foi incluída na ordem do dia do Senado a emenda entreguista de Otton Mader — Assis Chateaubriand. Tudo estava perfeitamente sincronizado. Amaral Peixoto levou aos Estados Unidos a seguinte pergunta de Getúlio:

«Em que condições a Standard Oil estaria disposta a aceitar a exploração de petróleo brasileiro?»

O enviado especial do Catete para negociar a venda do Brasil por dólares americanos teve contatos repetidos com os homens do governo iníquos e que foram rejeitados de larga publicidade. Mas seus entendimentos com os homens dos trustes foram habilmente escondidos. Entretanto, de volta ao Brasil, a primeira coisa que fez foi dar conta do seu tratado. Proclamou em entrevista à imprensa que era

Chantagem Política e Pressão Pela Força Armada

«O petróleo é nosso! Esta terra tem dono! Ge homem torpedear o movimento»

«O petróleo é nosso! Esta terra tem dono! Ge homem torpedear o movimento»

«O petróleo é nosso! Esta terra tem dono! Ge homem torpedear o movimento»

SOROCABANA

SENZALA PARA OS FERROVIÁRIOS

PARAISO PARA OS NEGOCISTAS!

Finalmente, Chafic Jacob foi afastado da chefia da 3ª divisão da Estrada de Ferro Sorocabana. Chafic aplicava muitas aos ferroviários a brás por dois. Muitas de cem cruzeiros e mais cruzeiros, ora por rodar em falso, outras vezes pela quebra de uma peça extremamente desgastada e não reparada ou não substituída a tempo, outras porque os ferroviários se recusavam a trabalhar mais de vinte horas sem repouso e às vezes, mesmo sem motivo algum. Por isso, Chafic tornou-se odiado pelos operários, que vinham pressionando a direção da estrada para afastá-lo dali. Por fim o conseguiu, quando o chefe da estação de Barra Grande denunciou o negócio de roubos de lenha a que Chafic se dedicava.

TUDO NA MESMA

Que aconteceu então? Chafic foi promovido a chefe da primeira divisão mecânica em São Paulo, o chefe de estação que denunciara foi posto no olho da rua e o regime das multas arbitrárias permaneceu o mesmo. Em suma, a situação não mudou nada para os ferroviários. E não mudou também nas demais divisões, onde outros tantos Chafic exercem o mesmo regime de exploração e perseguição contra os ferroviários.

PERIGO DE VIDA PARA OS FERROVIÁRIOS!

Os trabalhadores da Sorocabana ganham salários de fome e sofrem na própria carne as consequências da incapacidade e da incuria da administração da estrada, onde impera o regime da irresponsabilidade e das negociações. Não há segurança no trabalho e os ferro-

viários correm o perigo de vida. Os desastres se sucedem a despeito do cuidado e da pericia dos maquinistas. Ainda há dias, «disparou» um trem que vinha de Rubião Junior para Botucatu, colidindo com uma locomotiva que se encontrava na mesma linha. Tratava-se do quinto ou sexto desastre ocorrido em semelhantes condições. Por que isto acontece?

E O GOVERNO O RESPONSÁVEL

A diretoria da estrada obriga as composições a correrem com excesso de peso. No desastre a que nos referimos acima, por exemplo, a locomotiva transportava uma carga com um excesso de 218 toneladas. Resultado: o freio a vácuo falhou, descontrolando-se o comboio. Além disso, no trecho em questão não existe um desvio de segurança e nem se providencia para que, em certas ocasiões, fique livre a linha para o lado do depósito de locomotivas. Por outro lado o material rodante se encontra em péssimo estado. O patrimônio da Estrada é malbaratado pelo testa de ferro de Garcez e Getúlio, sr. Mularte (A Estrada é do Estado). Recentemente foram recolhidas às oficinas de Sorocabana nada menos de 29 locomotivas elétricas queimadas por correrem com excesso de carga.

LADRÕES PRIVILEGIADOS

Os ferroviários passam fome e correm perigo de vida, enquanto os chefes roubam como ladrões privilegiados, porque amparados pelo governo. Circunstâncias muitas vezes fortuitas têm revelado os escândalos

mais evidentes. É o caso, por exemplo, do ex-chefe da Quinta Divisão (Assis), dr. Vicente Leite Sampaio, que se apropriou de uma serraria pertencente à E. F. S. naquela cidade, dedicando-se ao comércio de madeiras com o Paraná e auferindo com isso lucros fáceis e poluídos. Devido a um escândalo familiar foi denunciado. Que aconteceu então? Sampaio foi promovido a chefe da Primeira Divisão na capital.

As empreitadas redundam sempre em negociações. Obras como o aterro entre os quilômetros 262 e 263, desmoronaram com a chuva e se prolongam indefinidamente, acarretando prejuízos e gastos de milhões de cruzeiros. Certos empreiteiros, como Ferreira Geraldino, enriquecem da noite para o dia, trabalhando para a direção da estrada.

BALA PARA OS FERROVIÁRIOS

Quando os ferroviários reclamam contra esse estado de coisas e lutam por suas reivindicações — como fazem agora, exigindo um aumento de Cr\$ 1.000,00 — são tratados à bala pelos jagunços do governo, chefes do mesmo negociante Sampaio, como aconteceu no dia 16 de abril no pátio de Barra Funda, e jogados na prisão, como sucedeu com os companheiros Elda Sperr e Joaquim dos Santos.

NÃO ADIANTA MUDAR OS TESTAS-DE-FERRO

Em sua luta, porém, os operários aprendem dia a dia novas lições de grande importância para o seu combate em defesa do pão e da liberdade. O caso de Chafic, por exemplo, embora tenha constituído uma

vitória o seu afastamento, mostrou mais uma vez que não adianta mudar os chefes maus pelos «bons», porque a situação continua fundamentalmente a mesma. Os ferroviários compreendem, assim, cada vez melhor, que para lutar por seus interesses devem estar suficientemente fortes e organizados para resistir ao arbítrio e à exploração dos testas-de-ferro do governo patrão e, por outro lado, que sua luta está ligada a uma luta muito maior pela mudança mesmo deste governo de tubarões e vende-pátria, que submetem as empresas, a economia e até a soberania do país aos trustes americanos fazedores de guerra.

A RAZÃO ESTÁ COM OS COMUNISTAS

Nós, os ferroviários, vemos agora que os fatos confirmam as palavras e as advertências dos comunistas, os quais dizem que a simples mudança dos homens «administração não resolveria seus problemas, pois a estrada é do governo que a utiliza para fazer a política ditada por seus amigos norte-americanos, a política dos latifundiários e dos grandes negociantes que dominam o Brasil.

O GUIA SEGURO

Apreendendo a lição dos fatos, nós, os ferroviários, procuramos reforçar nossa organização e voltamos cada vez mais para o Partido da classe operária — O Partido Comunista do Brasil — buscando orientação com os comunistas e encaminhando-nos a cerrar fileiras em torno do glorioso Partido de Prestes, o único capaz de conduzir os trabalhadores à luta para se libertarem das cadeias da miséria e da exploração.

a humanidade, sem discriminação de cor ou de sistemas. Eis porque uma guerra agora seria um descalabro universal.

DIA 2 — Representantes da indústria de todo o Brasil na I Reunião da Indústria, em São Paulo, aprovam por unanimidade uma tese em favor do intercâmbio comercial entre o Brasil e «as áreas hoje fora do âmbito de suas relações internacionais», isto é, a U.R.S.S. e os países de democracia popular.

— Declaram-se em greve os mecânicos da PANAIR, exigindo o justo pagamento das horas extra. A greve conta com o apoio do resto do pessoal e do Sindicato dos Aeronautas.



Regressaram há dias da URSS alguns dos membros da delegação sindical brasileira que assistiu à comemoração do 1.º de Maio em Moscou. No clichê acima vêem-se Olímpio Melo, Antenor Marques, Waldebrando Queiroz e Lício Hauser, todos da mencionada delegação, assistindo a um jogo de futebol na Armênia.

PELO PRIMEIRO LUGAR NA DIFUSÃO DA "VOZ"

“Queremos correr juntos até a metade da cancha, pelo menos...”

ASSIM A SUCURSAL DE PORTO ALEGRE RENOVA SEU DESAFIO A SUCURSAL DE SÃO PAULO

A EMULAÇÃO fraternal que é a própria alma da campanha pelo aumento da circulação da VOZ OPERÁRIA começa a revelar suas imensas possibilidades. Do renhido prêmio entre São Paulo e Porto Alegre, no primeiro grupo, já resultaram algumas experiências de grande valia para todos os agentes e amigos da VOZ no país inteiro. Vejamos o que está sendo feito.

AGÊNCIAS NOS BAIROS OPERÁRIOS

A Sucursal de São Paulo deu tratos à bola e redescobriu a pólvora: — Levando o jornal para mais perto do povo, da classe operária, a circulação tem que aumentar, pois o jornal é dos trabalhadores e do povo.

E lançou-se ao trabalho de organizar novas agências. Assim já foi fundada uma nova agência no centro da cidade. Primeiro passo, é claro. Mais importante ainda é o trabalho de organização das agências nos bairros operários do Brás e da Lapa.

SEM OS COTISTAS E LEITORES, NADA FEITO

Qual o ponto de apoio da Sucursal de São Paulo? O ge-

rente não é nenhum mágico que possa fazer tudo sozinho. Ele se orienta para os cotistas, que têm experiência, para os leitores que compreendem a necessidade e importância do jornal. Nada de reuniões solenes, de colarinho duro. Tudo é muito festivo.

Já disse alguém que os homens se entendem muito bem em torno duma mesa farta. Daí nasceu a luminosa ideia das feijoadas, que são verdadeiras festas de confraternização, que facilitam reunir todo mundo. Já saiu uma e no Tatuapé está sendo preparada uma outra.

Em tempo: o redator da seção pede encarecidamente que sejam enviadas fotografias da feijoada.

SERÁ BARBADA MESMO?

Eis o que diz o circunspecto relatório gaúcho a respeito dos competidores paulistas:

«Lastimamos que São Paulo não acompanhe. Queremos correr juntos até a metade da cancha ao menos... Já levamos de «barbada». Essa opinião não é só minha, não pensem que é pessoal. Em todas as reuniões de cotistas que temos feito o entusiasmo é enorme e já consideram assunto líquido a máquina fotográfica.»

Tudo isso parece estar confirmado pelo seguinte quadro:

SUCURSAL DE SÃO PAULO

Total de pontos da 1.ª apuração	2.700	pontos
Pagamentos semanais em dia	600	>
Pagamentos adiantados por edição	400	>
Edições impressas e em circulação sem atrazo	600	>

OUTRAS INICIATIVAS

Colaborações diversas	300	>
Registro do endereço telegráfico	100	>
	4.700	>

SUCURSAL DE PORTO ALEGRE

Total de pontos da 1.ª apuração	825	>
Edições impressas e em circulação sem atrazo	600	>
Agência instalada	500	>

OUTRAS INICIATIVAS

Feijoada no dia 31/5/53 — Iniciativa dos agentes de Tatuapé	100	>
Reportagens	200	>
Contribuição para melhoria do trabalho interno das Sucursais	200	>
	2.425	>

AGÊNCIAS

QUADRO GERAL

	Pontos
Porto Alegre	4.000
São Paulo	2.425
Fortaleza	1.550
Salvador	400
Recife	0

Na próxima edição publicaremos os resultados da 1.ª apuração entre as agências. Desde já, entretanto, salientamos as ótimas colocações em que se encontram Taubaté (aumento de 70%) e Campo Grande (aumento de 35%). Continuamos aqui até lá pedindo muitas suprezas.

7 DIAS NO BRASIL

- DIA 27** — Responde o gai. Felicíssimo Cardoso ao ato fascista do governo mandando punir os oficiais da reserva que se manifestam em favor da paz e da independência nacional, reafirmando, com altivez, a posição dos oficiais patriotas.
- Absolvidos os partidários da paz de Minas Gerais, que se encontravam processados, inclusive o cel. Olímpio de Carvalho e o líder sindical Arziller.
- DIA 28** — Na capital da República, com a presença de diversas personalidades, realiza-se um ato público em prol da libertação do líder do povo paraguaio, Obdulio Barthe, mantido na prisão pelo governo paraguaio contra a decisão da própria justiça daquele país.
- DIA 29** — Dirige-se a C.T.B. aos trabalhadores do Brasil convidando-os a apoiarem o próximo Congresso da F.S.M., reforçando a ação unida dos trabalhadores e discutindo as teses a apresentar ao conclave.
- DIA 30** — Notícia-se a assinatura semi-clandestina de um «acórdão» entre os governos do Brasil e dos E.E.U.U. para a prestação de serviços técnicos em todos os projetos em andamento ou a serem adotados.
- DIA 31** — Dirigem-se à ONU 130 radicais, atores e esportistas brasileiros em favor da conclusão imediata de um armistício na Coreia.
- DIA 1** — Falando à imprensa, o dr. Marcolino Candau, novo diretor da Organização Mundial de Saúde, declara: «A guerra, nesta hora, seria o fracasso das organizações internacionais... Interessa-nos toda

NÃO É DO "SEMINÁRIO" QUE SAI O AUMENTO DE SALÁRIO

COMO tantas outras reuniões promovidas pelos senhores das classes dominantes para «defender os interesses dos trabalhadores», realizou-se recentemente em São Paulo o denominado «Seminário Latino-Americano de Bem-Estar Rural» que após altissonantes debates se encerrou com a apresentação de centenas de idéias e sugestões — 80 das quais trazidas pelos técnicos da ONU — para que o governo de Getúlio as incorpore às leis no sentido de melhorar as condições de vida dos trabalhadores do campo.

As conclusões do aludido Seminário são demagógicas. Para que novas leis a serem elaboradas, se as que ali existem, nem ao menos estão sendo cumpridas?

Tome-se, como exemplo o Decreto-Lei n. 6.969 de 19 de setembro de 1944, que entre outras coisas prescreve a obrigatoriedade da Carteira Profissional, direito a indenização, garantia de moradia, um pedaço de terra suficiente para plantação e criação necessárias à subsistência do trabalhador e sua família, após um ano de de serviços

O "SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE BEM-ESTAR RURAL SUGERE NOVAS LEIS DEMAGÓGICAS A GETÚLIO — MAS OS TRABALHADORES DAS USINAS DE AÇÚCAR DE CAMPOS JÁ VIRAM QUE SÓ COM LUTA É QUE OBRIGAM OS LATIFUNDIÁRIOS A CUMPRILAS

Estócel de Moraes

prestados ao patrão; assistência médica, dentária e hospitalar gratuita, ensino primário gratuito, proteção ao menor nos termos dos artigos 402 e 417 da Consolidação das Leis do Trabalho, proteção à mulher, direito de férias, etc., e agora, em 1953, após 9 anos de sua publicação, confrontemos com o que se passa com o trabalhador rural do Estado do Rio.

AS "XIBOCAS" DE CAMPOS

Vejamos o que acontece em Campos, fronteira a Itaperuna onde se instalou e realizou várias sessões esse Seminário.

Campos é o município que mais produz cana de açúcar no Brasil. A maior parte de sua população de 245 mil habitantes, gravita em torno da lavoura e da industrialização da cana. Mas, dentre os 20 mil trabalhadores rurais, menos de 2 mil possuem Carteira Profissional, o que facilita aos patrões demitir impunemente seus trabalhadores, sem qualquer indenização, bem como sonegar o direito de férias.

As moradias fornecidas pelo empregador não passam de miseráveis «xibocas», que, com raras exceções, não têm água e luz, nem terra para manutenção do trabalhador e sua família. A maioria dos tra-

balhadores, porém, nem mesmo desses «xibocas» dispõe. Tem de se valer dos seus próprios recursos, muito embora o já citado Decreto-Lei e o Estatuto do Lavrador Canavieira, assegurem que o empregador é obrigado a fornecer moradia gratuita ao trabalhador rural e sua família.

UM MEDICO PARA DUAS MIL FAMILIAS

Quanto à assistência médica, basta dizer que em uma usina como a S. José (a maior do município, com produção anual de 500 mil sacos de açúcar e 3.500.000 litros de álcool), há apenas um médico para atender a mais de 2 mil trabalhadores e suas famílias. Quando o trabalhador precisa de hospital é lançado na Santa Casa e, mesmo assim, se encontra vaga. Quanto ao ensino primário, contam-se por milhares as crianças impossibilitadas de estudar por falta de escolas ou pelo alto custo dos livros. Quando se encontra uma escola, esta fica distante ou então não dispõe de professoras, como na Usina São João.

UMA FORTUNA DESAPARECE

O que é feito do Decreto-Lei

n.º 9.827 de setembro de 1946, o qual determinou que, daquela data em diante, o I.A.A. ar-

recadasse 2 cruzeiros por saca de açúcar produzido nas usinas e engenhos, a fim de empregá-los em obras de assistência social ao trabalhador rural?

Não se sabe que é feito desse dinheiro que não é pouco. De 1946 para cá, a produção nacional tem-se mantido em nível superior a 24 milhões de sacos, correspondendo a mais de 48 milhões de cruzeiros por ano. Só no Estado do Rio, nestes 7 anos, foram arrecadados mais de 25 milhões de cruzeiros dos quais quase 18 milhões, em Campos. De tão fabulosa quantia sabe-se apenas que o I.A.A. doou 350 mil cruzeiros a casas de caridade de Campos.

Os usineiros e grandes plantadores estão empregando o trabalho de mulheres e menores com mais intensidade para compensarem o miserável aumento determinado pelo Salário Mínimo. Os menores, de 14 e até de 10 anos trabalham como adultos em jornadas estafantes de 12 e 14 horas e recebem metade ou mesmo um terço dos adultos, enquanto que para a mulher não existe qualquer proteção prevista em lei. Além da falta de higiene, dos salários inferiores aos do homem, são tratadas como escravas. É total o desprezo votado pelo usineiro à mulher que trabalha. Quantas vezes a mulher permanece no canalial até os primeiros instantes do parto! Recentemente, na Usina de Queimado, uma trabalhadora deu à luz quando se entregava a cortar cana.

A GREVE E O SALÁRIO MÍNIMO

Entretanto, diante de tanta exploração, o trabalhador não permanece de braços cruzados e ouvir as discussões demagógicas dos latifundiários e «técnicos em questões rurais» que procuram convencê-los de que o governo de Getúlio está interessado em resolver a questão. O trabalhador rural luta.

Em Campos, ainda, os trabalhadores da lavoura canavieira, já têm um sindicato e, liderados por ele, vêm travando uma série de lutas pela conquista de seus interesses vitais, mais imediatos.

No ano passado, por ocasião do pagamento do salário mínimo, os usineiros resolveram fazer um desconto de 27 por cento de cada um título de pagamento de aluguel de casa. Dessa forma o mesmo aluguel

era cobrado mais de uma vez quando mais de um membro da família trabalhasse na usina. O protesto foi geral. Os trabalhadores ameaçaram ir à greve, e uma grande parte dos usineiros recuou. Mas em 11 usinas, os seus 15 mil trabalhadores tiveram de recorrer à greve. Mesmo os que não moravam em casa do patrão paralisaram os trabalhos em solidariedade aos seus companheiros. Na Usina Mineiros a massa cercou o escritório do gerente, amontoou palhas em torno e o intimou a pagar se não quisesse ser queimado vivo. Este se comprometeu a pagar mas, os trabalhadores não confiando em sua promessa, destacaram 4 companheiros armados de facão que o escoltaram até à cidade para onde ele fôra em busca de dinheiro. Anteriormente tinham cortado os fios telefônicos.

Em consequência dessas lutas, o salário mínimo está sendo pago integralmente no município de Campos.

Amplia-se a base de organização e unidade dos trabalhadores rurais de Campos. Seu Sindicato que contava apenas algumas centenas de sócios já possui hoje 2 mil, e apoia-se em vários Conselhos de Empresa eleitos em assembleias no Sindicato. Essa organização e unidade vêm sendo obtidas através de um trabalho persistente em torno de uma série de reivindicações levantadas pelo Sindicato, tais como aumento de salários, férias, Carteira Profissional, Assistência Social, etc.

MILHARES DE ASSINATURAS PELA PAZ, CONTRA O ACÓRDO

Na luta por um Pacto de Paz, das 90 mil assinaturas coletadas no município, mais de 15 mil foram de trabalhadores rurais e de operários das usinas. Das 2 mil e tantas assinaturas ali obtidas contra o Acórdão Militar, a maioria foi coletada nas usinas, principalmente em assembleias que se realizam nos próprios locais de trabalho nas quais fizeram-se debates em torno do significado e das consequências do Acórdão Militar para o povo brasileiro.

Os trabalhadores da cana e do açúcar receberam com satisfação o Manifesto de Convocação de IV Congresso dos Trabalhadores da

América Latina. Discutiram-no em assembleias nos próprios locais de trabalho para a escolha do delegado ao grande Congresso realizado no Chile, mostrando sua disposição de se organizarem.

Os trabalhadores da lavoura e da indústria canavieira do Estado do Rio, começam a dar resposta ao latifundiário de S. Borja e seus sequazes. Eles não confiam nos «benefícios» oriundos de conferências da ORIT e agora, desses ajun-

tamentos são os pomposos nomes de seminários. Exigem, isto sim, que sejam cumpridas as leis que ficam no papel, com o que poderão dispor de condições de vida menos miseráveis. Compreendem, porém, que não será um regime desse, de grandes latifundiários e grandes usineiros que irá resolver os seus problemas, que isto só será possível num regime do povo que lhes dê pão, terra e liberdade, um regime de democracia popular como Índies Prestes.

Correspondência de Bagé (R. G. do Sul) Brilhante Festa do 1.º de Maio dos Trabalhadores em Charqueadas

Os trabalhadores em charqueadas da cidade de Bagé, do Rio Grande do Sul, comemoraram brilhantemente o Primeiro de Maio, com uma grande festa de massas.

Não havendo conseguido um local dentro da cidade, os trabalhadores deliberaram reunir-se numa charqueada próxima. Como medida de segurança, a fim de evitar a ação de provocadores policiais, a Comissão organizadora tomou a providência de fazer divulgar pela emissora e pelo jornal local uma nota especificando a ordem do dia e esclarecendo que nenhum orador não inscrito usaria da palavra.

MAIS DE 3 MIL TRABALHADORES

No Primeiro de Maio, Bagé apresentava um aspecto diferente. Do bairro industrial uma grande massa de trabalhadores se deslocava para a estação da Viação Férrea. Um trem, especialmente fretado para conduzir os operários, foi imediatamente tomado por mais de 3 mil trabalhadores. Outros mil ficaram por não ter conseguido lugar. Os manifestantes conduziam faixas reivindicando um aumento de 10 por cento nos salários, a imediata rebaixa do custo da vida, etc.

Durante a concentração, como havia sido previsto, foram apenas os oradores inscritos. Uma exceção foi aberta para o prefeito, Dr. João Ficca, que pediu permissão à Comissão organizadora para contribuir com 2 mil cruzeiros a fim de ajudar a custear as despesas da festa.

«TU É O WALDOMIRO DENTISTA»

Entretanto, não faltou um «espírito de porco» para perturbar a reunião. Foi o deputado Waldomiro Domingues, dentista em Bagé e eleito à Assembléia Legislativa, em 1950, pelo PTB. Vendo que nenhum orador elogiara Getúlio, mas, ao contrário, todos haviam descrito a situação de miséria que se agravou como nunca sob o governo de Getúlio, o deputado Waldomiro Domingues pediu palavra. O operário que estava responsável pelo microfone não concordou, justificando sua atitude pelo fato de que o deputado não estava inscrito para falar. O getulista sentiu-se ofendido. Protestou. Invocou sua condição de deputado... que ninguém lhe podia negar a palavra... o operário lhe respondeu, entre risos dos demais:

— Deixa de bobagem! Pra nós tu és Waldomiro dentista... Se queres falar vai lá para a tua Assembléia... Uma operária, já idosa, completou:

— Ele que fale no lugar dele, mas não venha estragar nossa festa.

Depois da comemoração, foi dada posse à nova diretoria do Sindicato de Trabalhadores em Carnes e Derivados, eleita recentemente numa chapa de unidade, por 129 votos contra 22.

ATRAS DA PORTA...

O representante do Ministério do Trabalho estava presente, mas quem deu posse à nova diretoria foi o presidente do Sindicato dos Comerciantes que, convidado, havia comparecido à festa.

Um agente ministerialista quis protestar porque o retrato de Getúlio não estava na sala. Ao que um membro da nova diretoria, contestou:

— É que não sobrou lugar, por isso botamos o retrato atrás da porta...

A brilhante comemoração do 1º de Maio pelos trabalhadores em charqueadas de Bagé encheu de júbilo os operários e foi um grande estímulo para a luta que estão travando por aumento de salários e contra a carestia.

6-6-1953 ★ VOZ OPERÁRIA ★ Pág. 9

Trabalhos de STÁLIN de 1917
Acaba de aparecer
o 3º volume de
OBRAS
de
J.V. STÁLIN

424 páginas **crs 30,00**

EDITORIAL VITÓRIA LIMITADA
RUA DO CARMO, 6-13.º ANDAR, SALA 1306-RIO

Os escritos fundamentais de Stálin no período da preparação da Grande Revolução Socialista de Outubro de 1917

Eis um breve sumário deste volume: Os sovietes de deputados operários e camponeses * A guerra * A abolição das restrições aos direitos das nacionalidades * Discurso a favor da resolução política apresentada pelo camarada Lênin * A questão da terra * A greve dos ferroviários e os bancarroteiros da democracia * Os informes ao C. C. durante a preparação da Revolução e numerosos outros importantes trabalhos.

A Verdade Sobre o Armistício na Coreia

RESPOSTA A UM LEITOR DA "VOZ OPERÁRIA"

O nosso leitor Ernesto de Sá Junqueira, de Belo Horizonte, escreve-nos, solicitando de VOZ OPERÁRIA, uma resposta para a seguinte pergunta: «Por que motivo não foi assinado, ainda, o armistício na Coreia?»

Resposta: Os fatos mostram que o armistício na Coreia ainda não foi assinado, devido unicamente às manobras sabotadoras que vêm sendo sistematicamente empregadas pelos agressores norte-americanos.

Vamos aos fatos. Graças à boa vontade dos coreanos e chineses e, apesar das repetidas interrupções provocadas pelos ianques — primeiro em Kaesong, depois em Pan-Mun-Jom — chegou-se afinal, no ano passado, a completo acordo quanto a todas as condições do armistício, com exceção apenas, da repatriação dos prisioneiros de guerra. Sendo esta a única questão controversa, os povos alimentavam a esperança de que também ela seria solucionada, pondo-se termo, assim, à sangrenta luta. Mas, exatamente nesse instante — outubro de 1952 — o comandante em chefe das intituladas «forças da ONU», general

Clark, rompeu as negociações, apavoraram-se os imperialistas diante do «perigo de paz».

Em 28 de março deste ano, forçado o governo americano pela opinião pública mundial, principalmente nos próprios Estados Unidos, dirigiu Clark uma carta ao comando sino-coreano, propondo a troca de prisioneiros doentes e feridos. Em sua resposta a essa carta, Kim Il-Sen e Sin De Chui, além de concordarem com a proposta, sugeriram o reinício das conversações de armistício. Como se vê mais uma vez carbia aos chineses e coreanos reacender, no coração de todos os povos, as esperanças de paz.

Em 28 de março deste ano China e da Coreia, na proposta então encaminhada, Chu-En-Lai fazia ver a necessidade de serem observados os dispositivos da Convenção de Genebra, de 1949, que prescreve o repatriamento de todos os prisioneiros, sem discriminações. Os ianques porém, mantinham-se irredutíveis. Nessas condições, dando nova demonstração do seu ardente desejo de paz os sino-coreanos, em 26 de abril, fazem nova proposta conciliatória, sugerindo que «ambas as partes se com-

prometam a repatriar, imediatamente, depois da cessação das operações militares, todos os prisioneiros de guerra que têm em seu poder e que insistam na repatriação e a entregar os restantes prisioneiros de guerra a um Estado neutro, com o fim de garantir a solução justa do problema de sua repatriação». Tal proposta, que cria condições para a solução definitiva do problema coreano, não poderia ser recusada pelos ianques, inclusive porque, antes, eles próprios admitiam que os prisioneiros ditos refratários fossem mandados para um país neutro, onde resolveriam sobre seu destino definitivo.

Mas, diante do «perigo de paz» que tal proposta representa, agora a um a mais grave e incendiário de guerra ianques mais uma vez se desmascaram, voltando atrás de suas próprias posições anteriores. E, tudo fazendo para impedir a conclusão do armistício, apresentam novo plano contendo propostas absurdas tais como: entrega a Singman Rhee (e não mais ao controle neutro) dos prisioneiros ditos refratários; entrega a Singman Rhee, dois meses depois do armistício, dos prisioneiros chineses não repatriados, sendo que durante esses dois meses continuarão os chineses nos campos de prisioneiros onde se encontra, sob controle de americanos, e impossibilitados de entrar em contacto com os seus compatriotas. Estes são alguns aspectos do cínico plano de Harrison, o substituto de Clark, que evidenciam o criminoso propósito ianque de impedir a conclusão do armistício coreano.

Demonstrando, porém, sua sincera vontade de paz, coreanos e chineses apresentaram nova proposta, de oito pontos, considerada razoável até mesmo por Churchill. Os ianques, entretanto, repeliram a proposta e, no dia 24 último, apresentaram novo plano.

É em torno deste plano que se processa a atual fase das negociações.

Que Vem Fazer no Brasil A Esquadra Americana?

Um dia o embaixador britânico perguntou a Floriano Peixoto, então presidente da República, como seria recebida a intervenção da esquadra de guerra inglesa no Brasil. A resposta de Floriano foi curta e não deixou margem a discussão alguma:

— A bala!

Assim respondeu um patriota, um governante cioso pela independência nacional.

Mas com Getúlio no governo, os americanos nem perguntam coisa nenhuma. Vão logo avisando que no dia 27 de junho chegará ao Rio de Janeiro uma poderosa esquadra de guerra ianque composta por 29 navios de guerra, incluindo os couraçados «Missouri» e «Wisconsin», com uma tripulação de quase 15.000 homens.

Os americanos avisam. O governo mais uma vez dobra a espinha. Pisoteia covarde e vergonhosamente as mais belas e caras tradições de independência de nosso povo.

Assim se comporta um governo de traição nacional que enverga a librdos lacaios dos americanos.

AI VÊM OS GANGSTERS

Que vem fazer em nossa pátria a esquadra americana?

Que demonstração de «amizade» essa com dezenas de navios cujos ca-

nhões ainda estão fumegantes dos bombardeios da Coreia? Que «visita» é essa com 15.000 homens armados até os dentes?

Com tantos e tais visitantes aparece claro o propósito de expulsar os donos da casa, de impô-lhes a sua vontade!

Já há muito tempo, os porta-vozes do imperialismo ianque davam a resposta antecipada às perguntas que estão agora na boca dos patriotas, na boca de todo o povo.

Por exemplo, os irmãos Alsop, jornalistas, escreveram sobre as bases brasileiras que os americanos deveriam ocupá-las nem que fosse «pela força». Essa uma visita de gangsters para encostar as bocas das metralhadoras no peito do povo brasileiro. Esses bandidos exercitados no massacre de mulheres, velhos e crianças, «heróis» da chacina de populações desarmadas, aqui vêm em função da aplicação do infame acordo militar. Eles zarpam de seu covil em direção à nossa pátria para encorajar e estimular os vendilhões da pátria que votam a Petrobrás entreguista e pretendem desencadear o terror contra as organizações patrióticas contra os partidários da paz.

REPULSA POPULAR À ALTURA

Sómente os traidores, os

lacaios dos trustes de Wall Street, unicamente os vendilhões da pátria se regosijam com a vinda da horda ianque.

Nosso povo recorda as jornadas memoráveis de repulsa aos espíões Ab-bink, Kennan e Miller, ao negociante de sangue humano Acheson. Esses inimigos de nossa independência vieram preparar a colonização de nossa Pátria. A vinda da esquadra americana é uma consequência prática dos entendimentos que tiveram com os calabares nativos.

Os traidores os receberam com festas, bandas de música, paradas e banquetes. O povo se manifestou vigorosamente nas ruas, pixou paredes e muros no Brasil inteiro.

Agora, que o estrangeiro insolente avança ainda mais, as manifestações patrióticas de indignada repulsa serão certamente ainda mais vigorosas. Manifestações, passeatas, piquetes, volantes aos milhares, paralizações de trabalho, demonstrações de todo tipo cada qual mais enérgica embargarão os passos dos intrusos que toparão por toda a parte com o punho que os enxota:

— Go home! Esta terra tem dono! Fora com os americanos!



Oficiais e soldados sino-coreanos em Pan-Mun-Jom

Reunido em Copenhague o Congresso Mundial de Mulheres

Instalou-se ontem, em Copenhague, capital da Dinamarca, o Congresso Mundial de Mulheres, convocado pela Federação Democrática Internacional de Mulheres, organização feminina cujas filiadas contam com 135 milhões de componentes, unificando organizações nacionais democráticas femininas em 65 países. Esta assembleia, a mais ampla e representativa na história do movimento feminino, está discutindo as medidas a tomar na luta pela paz, pela cessação das guerras na Coreia, Malala e Viet Nam, pelos direitos das mulheres e por um futuro melhor para a certança. As mulheres estendem as mãos através das fronteiras, para barrar a guerra, a opressão e a miséria.

O Brasil está representado por numerosa delegação composta de 18 membros: Elisa Branco, Prêmio Stálin Internacional da Paz, Presidente de Honra da Federação de Mulheres de São Paulo, Vice-presidente do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz; as operárias têxteis Lucinda Oli-

veira, Esmeralda Alves, Alayde Maria de Assis e Inez Augusto; a pianista Eunice Catunda, Presidente da Federação de Mulheres do Estado de São Paulo; a jornalista Pérola de Carvalho; a dona de casa Têcla Siqueira, todas do Estado de S. Paulo; Hilda Vitorino, dona de casa; a funcioná-

ria pública Matilde Garcia Rosa e a jornalista Zenaide Moraes, do Distrito Federal; Odith Saldanha, Presidente da Federação de Mulheres do Rio Grande do Sul; Maria Rocha, tecelã de Juiz de Fora, Estado de Minas; Lídia Alves, dona de casa e a professora Irene Wanderley, ambas do Estado

do Rio e a advogada Arcelina Mochel Goto, da Federação de Mulheres do Brasil. No clichê, flagrantes tomados na ocasião do embarque de parte da delegação feminina. A esquerda, Elisa Branco quando subia ao navio e à direita, um grupo de delegadas.



A Conclusão do Pacto de Paz Porá Fim à "Guerra Fria"

NOVOS PRONUNCIAMENTOS DE PERSONALIDADES, CONCORRIDAS MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS EM TODO O PAÍS EXPRESSAM O PROFUNDO DESEJO DO NOSSO POVO DE QUE AS CINCO GRANDES POTÊNCIAS FIRMEM UM PACTO DE PAZ.

— Deve o Governo brasileiro não apenas apoiar, mas, se possível, tomar a iniciativa dos entendimentos para a assinatura de um Pacto de Paz. Foi nestes termos incisivos que o vereador Armando Temperani Pereira, presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre afirmou seu desejo de que o Brasil, oficialmente, interceda para que as cinco maiores potências cheguem a um entendimento em benefício da paz mundial. O vereador Josue Guimarães, do PTB, igualmente da Câmara Municipal da Capital gaúcha, expressou com as seguintes palavras sua convicção de que os problemas internacionais podem ser solucionados pacificamente: «Apesar do pânico que domina nas altas esferas imperialistas, as perspectivas da paz são cada dia mais positivas.»

— Deve o Governo brasileiro não apenas apoiar, mas, se possível, tomar a iniciativa dos entendimentos para a assinatura de um Pacto de Paz. Foi nestes termos incisivos que o vereador Armando Temperani Pereira, presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre afirmou seu desejo de que o Brasil, oficialmente, interceda para que as cinco maiores potências cheguem a um entendimento em benefício da paz mundial. O vereador Josue Guimarães, do PTB, igualmente da Câmara Municipal da Capital gaúcha, expressou com as seguintes palavras sua convicção de que os problemas internacionais podem ser solucionados pacificamente: «Apesar do pânico que domina nas altas esferas imperialistas, as perspectivas da paz são cada dia mais positivas.»

solução pacífica das demais divergências internacionais.

OUTROS PRONUNCIAMENTOS

De todos os pontos do país, foram e continuam sendo enviadas mensagens ao Presidente da República solicitando o apoio do Governo brasileiro ao início das negociações para a conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências. Em Recife, o apelo feito ao sr. Getúlio Vargas pelo Movimento Pernambucano dos Partidários da Paz alcançou repercussão e foi lido na tribuna da Câmara Municipal. Mensagens foram igualmente dirigidas ao Presidente da República na mesa-redonda promovida pelo Movimento Garoca dos Partidários da Paz, a 14 do mês findo, assim como no vivo debate do dia 26 em que personalidades conhecidas como a sra. Branca Filho, o dr. Abel Chermont, o juiz Osni Duarte, o desembargador Henrique Fialho e outros, discutiram entre si e com centenas de pessoas em torno do tema: «O armistício na Coreia e a tensão internacional.»

O «Mês do Pacto de Paz» mostrou que a causa da paz avança no Brasil e que também em nosso país tornam-se mais e mais uma bandeira das massas estas palavras da Mensagem do Congresso dos Povos pela Paz: «O acordo entre as cinco grandes potências e a conclusão de um Pacto de Paz porá fim à tensão internacional e salvarão o mundo de maiores desgraças.»

Os povos reclamam.»

COMICIO EM S. PAULO

Na capital bandeirante, por iniciativa de personalidades dos círculos culturais, políticos e sindicais, foi realizado um concorrido comício no Vale do Anhangabau, a 27 do mês findo, pela conclusão imediata do armistício na Coreia. Cerca de cinco mil pessoas compareceram à manifestação, que foi precedida de conferências preparatórias, nos bairros paulistanos, promovidas pela Cruzada da Paz de São Paulo. Durante o comício, usaram da palavra, entre outros oradores, o professor Mário Schenberg, os deputados Jaurés Guizard e Jorge Nicolau, este presidente da Cruzada Paulista pela Paz e a sra. Ofélia do Amaral Botelho, representando a Federação de Mulheres de S. Paulo. O «meeting» pelo clima de entusiasmo em que se desenrolou, foi bem uma prova da profunda aspiração do povo paulista de que seja concluída a paz na Coreia, como passo de enorme importância para a

No mesmo sentido, manifestaram-se ainda numerosas personalidades das mais diversas correntes de opinião, como o deputado Fernando Lacerda, de Pernambuco, o deputado Jorge Nicolau, de S. Paulo, o padre Medeiros Neto, representante de Alagoas na Câmara Federal e o conhecido advogado gaúcho dr. José Antonio Aranha, ex-prefeito de Porto Alegre, dentre muitos outros.

Estes pronunciamentos, bem como uma série de concorridos atos públicos em diferentes pontos do país — conferências, mesas-redondas, debates e comícios — são uma prova de que a idéia de negociações, como meio para resolver as questões internacionais, ganha novos partidários em nosso país.

O «MÊS DO PACTO DE PAZ»

Durante o «Mês do Pacto de Paz», instituído pelo Movimento, correspondendo ao apelo da Paz, que transcorreu em maio último, numerosas iniciativas foram levadas a efeito. Correspondendo ao apelo do M.B.P.P., os movimentos estaduais de Partidários da Paz do Rio Grande do Sul, São Paulo, Ceará, Paraná assim como o Distrito Federal traçaram programas de atividades. O objetivo de tais programas é o de difundir entre as amplas massas do nosso povo a idéia de que nunca foram tão favoráveis quanto agora as condições para ser alcançado um alívio na tensão mundial e que esta nova situação exige um redobramento de esforços em favor do Pacto de Paz.

GRANDE ATO PÚBLICO EM BAGÉ

O programa traçado pelos partidários da paz do Rio Grande do Sul previu a realização, em Bagé, de um ato público em prol do Pacto de Paz. O «Teatro Avenida», onde se realizou a manifestação, abrigou um público entusiasta, que manifestava a cada instante, nos calorosos aplausos aos oradores, seu ardoroso desejo de que o Pacto de Paz seja firmado entre as cinco grandes potências, de que o Governo brasileiro se manifeste neste sentido e de que tenham se-

nos 4 cantos do mundo

VALE TUDO PARA A REAÇÃO

As vésperas das eleições na Itália todos os recursos foram utilizados para fraudar a vontade do povo italiano. Não contentes em terem fabricado uma nova lei eleitoral de encomenda, os partidários do sr. De Gasperi e seus amos norte-americanos recorreram a todos os meios de pressão e intimidação do eleitorado. A negociata Clara Booth de Luce embaixatriz dos EE. UU., falando em Milão, declarou que se os partidos de esquerda vençassem, o governo americano cortaria a «ajuda» à Itália. O gal. Grunther, comandante americano da NATO, não quis ficar atrás e se botou também para a Itália a fazer discursos ameaçadores. Por outro lado, os altos dignitários do Vaticano, inclusive o Papa, perdendo o senso da compostura, ameaçaram a todos os católicos com a excomunhão, caso não votem por De Gasperi.

Utilizando-se de todos os meios inescrupulosos, na verdade, os agentes dos trustes americanos na Itália mostram o seu desespero ante a força crescente de milhões de italianos partidários da paz e da independência nacional.

O SEU A SEU DONO

Aumenta dia a dia o número de países que reconhecem oficialmente o direito do maior país da terra a ter assento na ONU. Depois das manifestações dos governantes da Inglaterra, Canadá e dos países asiáticos, o próprio governo do Japão, constituído de fantoches dos lanques, foi obrigado a se

manifestar a favor da ocupação pela China do lugar que lhe pertence: um dos Cinco Grandes no Conselho de Segurança da ONU.

FALSA POMPA —

Não obstante a situação econômica difícil em que se encontra a Inglaterra, o governo não hesitou em gastar dezenas de milhões de libras com as festas da coroação. O fausto indescritível das solenidades, porém, não conseguiu encobrir o massacre de povos coloniais nem a situação de penúria que atravessa o povo britânico. Não obstante o peso da tradição cuidadosamente alimentada, milhares de trabalhadores ingleses não se deixaram impressionar pela pompa, como o atesta o gesto dos operários em fundição que, numa reunião dançante em Scarborough, reagiram à imposição de saudar a rainha e cantaram a «Internacional».

COMÉRCIO COM O MUNDO SOCIALISTA

Ante a situação de crise aguda no comércio exterior dos países capitalistas dominados pelos EE.UU., cresce em toda parte o movimento em prol do comércio com a URSS e as democracias populares, por exigência dos próprios meios comerciais e industriais. Somente nos últimos dias, anunciou-se a conclusão de um acordo comercial entre a França e a Hungria, a importação de automóveis soviéticos pela Holanda e outros negócios entre países dos dois campos. Finalmente, vem o sr. Harold Stassen em pessoa, diretor da «Agência de Segurança Mútua» (arapuca montada pelos americanos para dominar outros países) e anuncia que o comércio de produtos não estratégicos entre os EE.UU. e os países comunistas pode ser um fator de melhoria da situação internacional. E disse isso depois de fazer uma viagem por diversos países da Europa e da Ásia, onde pôde verificar que nenhuma «ajuda» americana será capaz de impedir o intercâmbio comercial com o mundo do socialismo.



O casal Rosenberg (Julius e Ethel), num quadro do consagrado pintor italiano Renato Goturzo

18 de Junho, 23 Horas

Salvemos os Rosenberg!

As horas passam, os minutos passam. Não há um momento a perder. Estas palavras do pungente apelo de Picasso, assumem nesta hora uma importância especial. Afrontando a consciência humana, indignada e estupefata, os monstros americanos marcaram o dia e a hora para a execução do jovem casal Rosenberg: 18 de Junho, 23 horas, na cadeia elétrica da sinistra prisão de Sing Sing.

Vinte e seis anos são passados desde que Sacco e Vanzetti foram eletrocutados. Cinco anos após sua morte, obtinham os juizes americanos abundantes provas de que eles morreram inocentes. O juiz que os condenou está hoje na Suprema Corte dos Estados Unidos e há poucos dias formou entre os que rejeitaram o pedido de reabertura do processo dos Rosenberg. Como se vê, são criminosos conscientes. Mataram Sacco e Vanzetti, em nome da «ordem» dos trustes. Querem matar os Rosenberg em nome da guerra dos trustes.

Centenas de milhões de pessoas, em todo o mundo, sentem uma profunda angústia ao constatar que os Rosenberg se acham à mercê de tão frios assassinos. Os protestos se sucedem. Os apelos por clemência são feitos uns após outros. Ainda agora, foram as Câmaras de Deputados da Argentina e do Uruguai que se dirigiram ao governo americano pedindo clemência para os Rosenberg. Antes, foi o Papa que, por duas vezes, apelou para que não fossem mortos o jovem engenheiro judeu e sua esposa. Vozes cheias de autoridade como as de Albert Einstein, do cientista nuclear americano Harold Urey — Prêmio Nobel de Química — também já se levantaram clamando contra a ignomínia. Eles sabem melhor que ninguém que a fórmula da bomba atômica não pode ser guardada de memória. Como poderiam os Rosenberg decorá-la se esta fórmula compreende dois grossos volumes? Entretanto, apesar de toda evidência, apesar de não haver uma única prova contra eles, apesar de estar claro para a esmagadora maioria da população da terra que os Rosenberg são inocentes, os monstros de Washington permanecem surdos ao clamor que se levanta em toda parte.

Não há, porém, outro caminho a seguir. Não resta às pessoas honradas de todo o mundo senão o recurso ao apelo, o grito de protesto, para obrigar ao recuo os assassinos, para deixar bem claro diante deles que seus passos estão sendo acompanhados e que não gozarão da impunidade de que desfrutaram os assassinos de Sacco e Vanzetti.

Protestemos, apelemos, sem perda de um minuto. Para dentro de 12 dias está marcada a execução. Não descansamos, enquanto não virmos para sempre afastada a possibilidade de serem transformadas em orfãos duas lindas crianças — Mike e Robbie — filhos do casal Rosenberg!

OUÇA A RADIO DE MOSCOU

HORÁRIO DAS TRANSMISSÕES DA RADIO MOSCOU PARA A AMÉRICA DO SUL:

EM PORTUGUÊS Das 20,30 à 21 horas EM CASTELHANO Das 20,30 às 21 horas

A Rádio transmite nas ondas de 25 e 31 metros

O QUE VI EM MOSCOU

Como membro de uma delegação sindical brasileira, o líder bancário Olímpio Melo assistiu às festas do 1.º de Maio, em Moscou, excursionando, ainda, a numerosos pontos da grande Pátria do Socialismo. Agora de regresso, Olímpio Melo transmite à VOZ OPERÁRIA algumas das impressões que recolheu na capital da U.R.S.S., focalizando aspectos do dia a dia da vida radiosa e feliz do povo soviético. São estes depoimentos que oferecemos aos nossos leitores nesta página.

1.º DE MAIO EM MOSCOU

No 1.º de Maio, a vasta Praça Vermelha se transforma num jardim maravilhoso. Todo mundo, sem exceção, salvo os que conduzem bandeiras, faixas ou cartazes, leva um boquê ou uma braçada de flores. É um espetáculo inesquecível. A Praça Vermelha fica no coração de Moscou. Nela desembocam cinco ou seis ruas. No dia do desfile, as autoridades estabelecem cordões formando corredores, pelos quais desfila a multidão que procede de todos os pontos da cidade. Esses corredores ficam mais ou menos paralelos à fachada do Mausoléu de Lênin e Stálin. Assim, há os que desfilam mais perto e os que passam mais distante da tri-

buna onde se encontram os dirigentes do Partido e do Governo. Os que desfilam mais perto do Mausoléu são as delegações mais importantes, daquelas fábricas que estão cumprindo melhor o plano, dos trabalhadores que mais se vêm destacando na produção socialista, etc. Até a esse detalhe se estende o espírito de emulação na União Soviética, de que nos falaria com orgulho uma operária estacanovista da fábrica de automóveis «Sokolov».

Ao passar diante da tribuna, o povo ergue «hurras!» e joga as flores para o ar, aclamando os seus dirigentes, que respondem com acenos de mão.

HÁ ARRANHA-CÉUS EM MOSCOU?

Moscou já completou 800 anos de existência. Sua arquitetura se caracteriza por casas de poucos pavimentos e os numerosos e modernos edifícios construídos pelo governo, para moradia dos trabalhadores, são igualmente de poucos andares. Recentemente, o governo soviético deliberou construir oito grandes edifícios para alojar alguns serviços públicos e instituições. Visitei um deles, o Ministério do Comércio Interno e Externo da URSS Com os seus 27 andares e, porém, mais alto que qualquer edifício brasileiro, pois possui 171 metros de altura. Aqui no Brasil, o edifício da «A Noite», por exemplo, muito conhecido, tem 24 andares (se incluímos a sobreloja e o terraço), mas não vai além de 125 metros. É um dos mais altos, porque os construídos hoje têm os andares ainda mais baixos. É que na URSS os andares são mais altos. Esses edifícios moscovitas, apesar das proporções, não distoam das demais construções. O estilo arquitetônico russo é mantido e quem olha para o prédio vê logo que é russo e não americano, alemão, ou brasileiro. No edifício há 2 mil salas (pouco menos de 80 por andar) e nele trabalham uns 6 a 7 mil pessoas. Além dos elevadores, 28 escadas rolantes fazem a comunicação entre os andares. O que mais me chamou a atenção, contudo, foi o fato de que todo o imenso edifício possui aquecimento interno e é mantido sob a temperatura invariável.

Na construção do prédio do Ministério do Comércio foram aperfeiçoados os métodos de construção. Conseguiram uma liga de cimento que torna possível aos soviéticos usar esse material de construção mesmo nas condições do rigoroso inverno. As paredes não são construídas como aqui, tijolo por tijolo. Eles põem vigas de ferro semelhantes a trilhos e os espaços vazios são cheios com placas de 3 a 4 metros quadrados, que já vêm prontas das fábricas.

Tais métodos permitem a construção de gigantescos prédios em tempo recorde. Este a que me refiro, iniciou-se em 1949 e terminou em 1951.

Um outro, de 42 andares,



A delegação Sindical brasileira excursiona à Armênia, visitando as ruínas de um templo antigo de mais de mil anos. Vêem-se: Jacob Bazarian (assinalado), Olímpio Melo, Herondina Arruda, uma intérprete soviética, Odilo Borges, Geraldo Rodrigues, Antenor Marques, Lício Hauer, Luiz Firmino de Lima, José de Araújo Plácido, Michael Basilis (funcionário do Ministério de Comércio da URSS), Waldebrando Queiroz, Antonio Rosa da Silva, Elói Martins e Milton Sara. Jacob Bazarian viveu muitos anos no Brasil, onde chegou ainda criança. Residia em S. Paulo, onde editava o jornal «Ararat». Regressou à sua Pátria em 1949. Hoje, é deputado ao Soviet da Armênia

Este ano, pela primeira vez, os trabalhadores soviéticos comemoraram o 1.º de Maio sem o grande Stálin. Mas, Stálin está presente em tudo. A cada coisa, logo ouvimos: «Foi Stálin quem fez», «foi Stálin quem planejou», «Stálin nos ensinou...» E no desfile de 1.º de Maio havia milhares e milhares de retratos de Lênin e Stálin, cada qual mais bonito: emoldurados em belas molduras, sobre fundo vermelho de grandes bandeiras, em simples cartazes, de todas as formas, enfim. E, entre esses retratos, muitos outros de líderes operários de todo o mundo, fiéis discípulos de Stálin, foi com orgulho e emoção que pude contar pelo menos dez do nosso querido camarada Luiz Carlos Prestes.

A comemoração teve início exatamente quando o carrilhão do Kremlin bateu a primeira badalada das 10 horas. Nesse momento preciso dois automóveis, «Zis conversíveis», um conduzindo o marechal Bulganin, ministro da Defesa da URSS e outro com o general Arzemaiev, comandante da guarnição de Moscou, surgiram de cada lado da Praça Vermelha. Nos outros anos, os comandantes passavam em revista as tropas montadas a cavalo. Em seguida à parada militar, começou o desfile popular, que se estendeu até às últimas horas da tarde. Pela noite a dentro, o povo tocava e dançava nas ruas, profusamente iluminadas, expandindo sua alegria.

O dia 2 de maio também é feriado, de modo que o povo se diverte a valer, dirigindo-se ao trabalho, no dia 3, retemperado, alegre e consciente da felicidade em que vive. Este ano, porém, a festa se prolongou por mais um dia, pois o dia 3 caiu num domingo.

UM FUTEBOL RÁPIDO E ENTUSIASTA

Como em nossa Pátria, também na URSS o futebol é o esporte das grandes multidões. Fomos ao bonito estádio do «Dinamo», em Moscou, cuja capacidade é para 80 mil espectadores sentados, em cadeiras numeradas. Não havia lugar vazio. O jogo a ser disputado reunia as equipes do «Dinamo», da cidade de Kiev, considerado como a mais forte equipe da União Soviética e o «Torpedo», de Moscou. A torcida aplaude delirantemente — tal como entre nós — o meu time favorito (no caso o «Torpedo») e vai a plenos pulmões o outro time... O jogo é pesado, como, de resto, na Europa. Entretanto, notei que não há deslealdade e se um jogador dá uma entrada mais forte sobre outro, não há nada de brigas; ele espera outra jogada e já entra prevenido. O público, apesar do calor bom que aplaude e vai, não sai de suas cadeiras. Não há fôssos nem «alambrado» separando a assistência do campo e é inconcebível para qualquer desportista soviético uma invasão do campo...

O futebol é um tanto diferente do nosso, sobretudo mais

pesado. Entretanto, o que espanta é a resistência física dos jogadores. É uma coisa fabulosa como correm durante os noventa minutos. Eu me lembrei de Maneca, do Vasco. Entram com sangue nas jogadas e disputam a bola com tanta «gana» como se fosse um desses jogos de subúrbio em que os dois quadros se empenham de verdade. Essa partida me fez lembrar os tempos do amadorismo no Brasil. O futebol soviético é também muito rápido e há bons jogadores. Por exemplo, o capitão do «Torpedo» é um exilado espanhol, operário da fábrica de automóveis «Stálin», de Moscou. Chama-se Gomez. É um grande craque e faria figura em qualquer dos nossos bons times. Joga como centro-médio. E se Augusto, do Vasco, usasse uma braçadeira de capitão, dificilmente se poderia distinguir um do outro, porque Gomez também é careca...

Na União Soviética não há profissionalismo. Todos os desportistas a não ser, naturalmente, os técnicos em educação física, exercem atividades como qualquer outro cidadão.



Olímpio Melo, Antenor Marques e Herondina Arruda conversam com duas operárias «stakhanovistas» da fábrica de automóveis «Sokolov», onde são produzidos os pequenos autos «Moscovita», que custam 9 mil rublos. Na URSS, um operário ganha, em média, 1.000 rublos por mês.

quelas, ornamentado com belos e grandes quadros a óleo, a uma temperatura

sempre primaveril, quer lá fora faça calor ou transcorra o famoso inverno russo?

“SÓ MANDARAM O CENTRO DA ROSCA...”

O circo na União Soviética é apreciadíssimo. O público acompanha com emoção as exhibições acrobáticas, aplaude calorosamente os artistas arrojados e ri a bom rir com os números de crítica. Assisti a um espetáculo de circo na URSS.

A crítica é impiedosa. Por exemplo: aparecem um professor e um aluno. O professor faz as perguntas e o aluno responde com as maiores asneiras, arrancando gargalhadas da platéia. No fim, o aluno é aprovado. É que era filho de um amigo do professor... O «critério» da aprovação fora o filhote. A crítica é acolhida com palmas pelos espectadores.

Em outra cena, surge caminhando pelo palco um casal. Quase ao desaparecer, o pai chama pelo nome três pessoas. Então, aparecem três crianças. São os filhos do casal, que correm para alcançar os pais. Em seguida, se apresenta outro casal. Ele, de cartola e charuto. Ela, toda empavonada, o tipo da

granfina. Passam e, antes de sair de cena, chamam também por três nomes. Entre saudáveis gargalhadas do público aparecem, então, três cachorrinhos... É uma crítica à família capitalista, que prefere cochorros aos filhos.

De outra vez, é focalizada a «ajuda» americana à Europa. O americano diz: — Sim, nós fazemos questão de ajudar a vocês. Vamos mandar lhes roscas, para que vocês se alimentem!

Na cena seguinte, um artista diz: — É pena, mas eles só mandaram o centro da rosca... Nada escapa à mordacidade dos artistas soviéticos, que exercitam amplamente o direito da crítica. O que houver de errado, dentro e fora do país, está ali no pelourinho...

Os circos, como os teatros e os cinemas, estão sempre cheios. Daí a intensa vida noturna de Moscou, que às duas da madrugada apresenta grande movimento.

PAZ, TRABALHO, ALEGRIA EM TÔDA PARTE

O que vi na URSS foi um povo alegre, livre, expansivo como o nosso, e em tudo e em toda parte intenso desejo de paz. As crianças, nos colégios, nos ofereciam distintivos com a pomba da paz. Os transeuntes, nas ruas, ao nos indentificarem, dirigiam-nos saudações manifestando seu desejo de paz e profunda aversão à guerra. O governo, o Partido Comunista, o rádio, o teatro, o cinema, a imprensa têm na paz e no trabalho pacífico e construtivo seu tema constante.

O desejo de viver em paz fraternalmente, com todos os povos do mundo é sentido em cada palavra e expresso em gestos tão espontâneos que qualquer pessoa honesta que visite a URSS sai convencida da possibilidade de ser realizada a paz e da necessidade de lutar pela paz.